

Ciência que faz sonhar

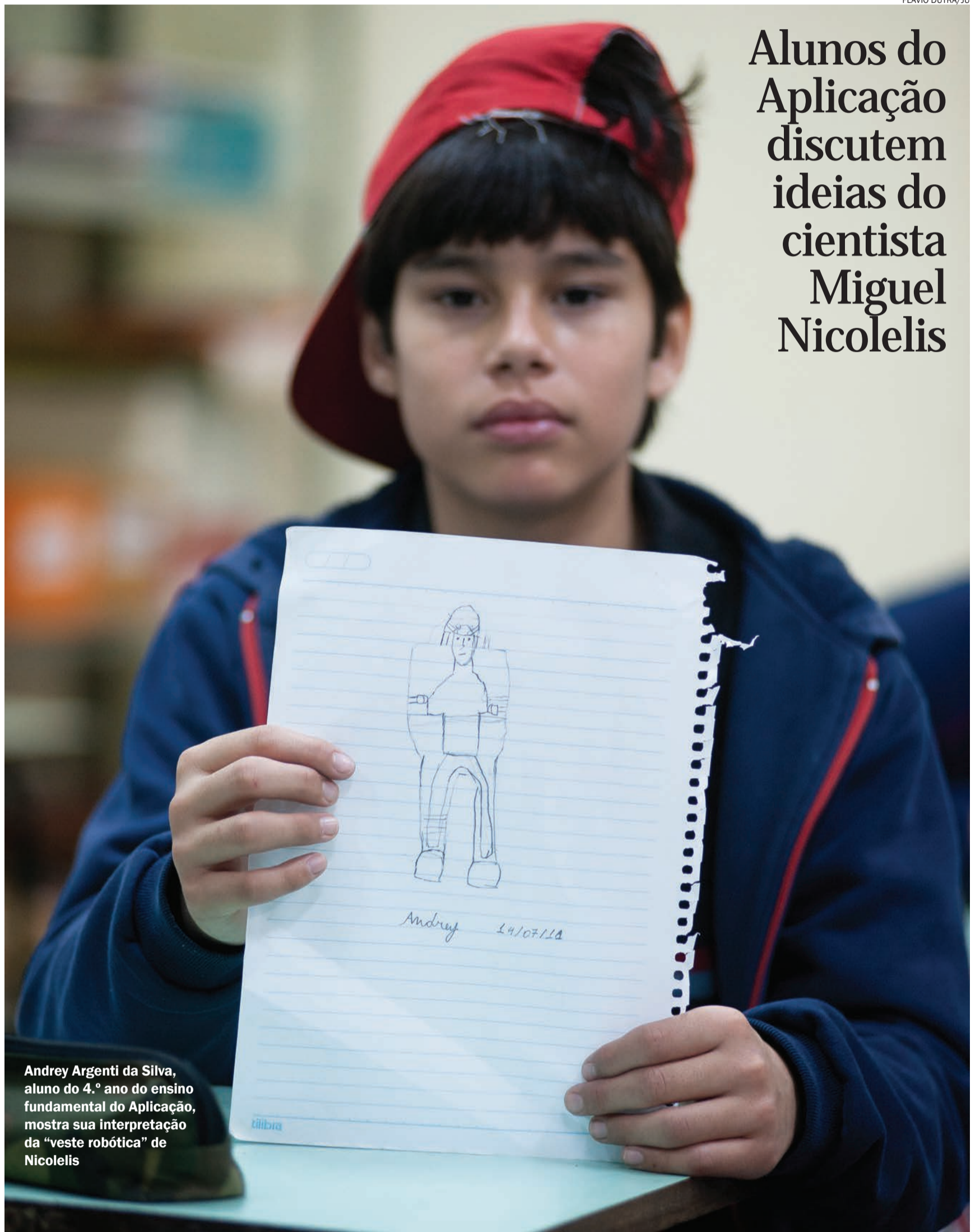
Futuro O neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis coordena um dos mais avançados laboratórios de neurociência do mundo, na Duke University, em Durham, Carolina do Norte, EUA. Seu nome figura em uma lista das 20 personalidades mais importantes para o avanço tecnológico mundial, elaborada pela Scientific American. Em recente encontro com a presidente Dilma Rousseff, ele apresentou dois de seus projetos: *Escola sem fronteiras*, destinado a levar educação científica a 12 cidades na fronteira brasileira, integrando crianças e professores dos países envolvidos; e o projeto *Andar de Novo*, desenvolvido em Natal (RN). O pesquisador conversou ainda com a presidente sobre a possibilidade de trazer ao Brasil, durante os eventos esportivos de 2014 e 2016, as primeiras demonstrações clínicas da interface cérebro-máquina, transformada numa aplicação para a locomoção de pacientes paraplégicos ou tetraplégicos. A reportagem do Jornal da Universidade foi conversar com os alunos do 4.º ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação para ver o que crianças entre 9 e 10 anos de idade teriam a dizer a respeito das experiências realizadas pelo neurocientista. Nenhum dos 23 alunos presentes duvidou que um macaquinho pudesse fazer mover um braço mecânico a quilômetros de distância por meio de estímulos cerebrais. Quem não queria falar, desenhava, assim como Andrey (foto), que fez seu protótipo, inspirado na experiência do neurocientista.

Página Central

EJA

Aplicação mostra que conhecimento não tem idade

Em funcionamento desde 2008, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio de Aplicação da UFRGS tem, entre seus alunos, desde jovens repetentes que perderam o ano escolar regular e querem concluir a sua formação o mais rápido possível até pessoas que estão há anos afastadas das salas de aula. É o caso de Naida Oliveira Espírito Santo, de 57 anos, que durante boa parte da vida precisou dar prioridade à família. Hoje aposentada, ela diz que irá aproveitar tudo o que o colégio puder lhe oferecer. Depois de concluir o ensino médio, Naida pretende fazer uma faculdade para dar o exemplo a seus filhos, que abandonaram os estudos. **P7**



Andrey Argenti da Silva, aluno do 4.º ano do ensino fundamental do Aplicação, mostra sua interpretação da “veste robótica” de Nicolelis

Alunos do Aplicação discutem ideias do cientista Miguel Nicolelis

FLÁVIO DUTRA/JU

MÚSICA DE CONCERTO

Compositores em formação

Beethoven, Mozart e Villa-Lobos são alguns dos nomes há muito consagrados que vêm à mente quando se fala em música de concerto. Mas nem só do passado vive esse gênero musical. Ainda hoje, profissionais dedicam-se a essa atividade e estudantes ingressam na Universidade para estudar Composição. Dimitri Cervo, há 29 anos nessa profissão, diz que, no Brasil, compositores não conseguem viver só dessa atividade: “O ganha-pão vem de outras fontes, geralmente do trabalho com ensi-

O aluno de primeiro semestre do curso de Composição Ettore Sanfelice interpreta peça de sua autoria

no”. Sobreviver como compositor erudito, então, exige certo planejamento e flexibilidade. Segundo o mestrando em Composição na UFRGS Bruno Angelo, não há um meio receptor para o que se produz: “A realidade é muito diferente do mundo de concertos para o qual fomos preparados na graduação”. Por isso, vocação, idealismo e dedicação são fundamentais aos aspirantes da carreira. Para o professor de música e regente Antonio Carlos Cunha, os profissionais em formação precisam adquirir conhecimento musical amplo e desenvolver a habilidade de combinar elementos atuais e históricos. **P13**

SHIRIN EBADI

Nobel critica desrespeito aos direitos humanos

A ativista iraniana, exilada desde 2009, falou ao público que lotou o Salão de Atos da reitoria para mais uma edição do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento. Shirin Ebadi lembrou uma série de leis discriminatórias, segundo as quais o valor da vida de um homem é duas vezes superior ao da vida de uma mulher. Por outro lado, as iranianas representam hoje 65% dos universitários do país, e muitas se tornam professoras. **P10**

Banda larga Plano tem como foco usuários ainda sem acesso à internet

P5

Imprensa Jornais mantidos por anúncios estão abalados **P4**



Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecker Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Daltro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe
Ánia Chala
Repórteres
Caroline da Silva, Everton Cardoso e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Brunni Pereira
Fotografia
Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Bolsistas
Dalane de David, João Flores da Cunha e Luiz Eduardo Kochmann
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem
12 mil exemplares

Lições de esperança

Dedicada ao cultivo das ciências e das artes e às reflexões de todos os aspectos da condição humana, a Universidade também se constitui em espaço no qual se nutre a esperança. Foram verdadeiras lições de esperança as conferências apresentadas pela ativista iraniana Shirin Ebadi e pelo neurocientista Miguel Nicolelis no Salão de Atos da UFRGS.

Prêmio Nobel da Paz, a advogada, ex-professora universitária e ativista dos Direitos Humanos, Ebadi foi recebida no gabinete do reitor por acadêmicos que atuam na área, representantes do Governo do Estado, da Assembleia e pela ministra dos Direitos Humanos, Maria do Rosário. Já em sua conferência no “Fronteiras do Pensamento”, ela abordou, com franqueza e voz potente, as violações dos Direitos Humanos no Irã: a discriminação das mulheres, a discriminação religiosa, o cerceamento

à liberdade de expressão e as penas estabelecidas pela justiça. Apesar da dura realidade, Ebadi iluminou-se no palco ao afirmar que o povo iraniano deseja, e luta, por democracia. Pelo estabelecimento de um Estado próximo ao povo e que garanta os seus direitos; uma luta pacífica e de resistência. Alegre por visitar o Brasil, ela manifestou gratidão pela mudança recente das posições políticas do país e encerrou sua fala dizendo ter certeza de que “a democracia virá ao Irã”.

Em atividade aberta ao público, especialmente aos professores do ensino médio municipal, o cientista brasileiro Miguel Nicolelis falou sobre uma das fronteiras da ciência do cérebro: a possibilidade de controlar robôs e artefatos por meio do pensamento. Imagem de ficção científica e de supostas atividades “paranormais”, seus

experimentos rigorosamente controlados demonstram que o desenvolvimento de interfaces cérebro-máquinas permite “aprender” a controlar braços mecânicos pela repetição dos movimentos e a realizar os movimentos aprendidos ao se “pensar” neles. A possibilidade de vencer os limites corporais à ação motora dá esperança de devolver os movimentos voluntários a milhares de pacientes portadores de doenças neurológicas, como o Mal de Parkinson ou as vítimas de traumatismos medulares.

A crença e a luta pela democracia e pela afirmação dos Direitos Humanos, a transmutação da ciência em tecnologia para explorar o poder do cérebro em expandir os limites do corpo humano: duas importantes lições de esperança no espaço da Universidade dos gaúchos que se reafirma como instituição de excelência acadêmica.

Mural do leitor

Edição de junho

Prezada editora, estive há pouco na UFRGS e peguei um exemplar da edição de junho do Jornal da Universidade. No caminho de volta pra casa, corri os olhos pelo jornal e não contive o ímpeto de contatá-la para cumprimentar a equipe pelo excelente trabalho (pauta, diagramação, edição). Resultado: vou ter de voltar à UFRGS para buscar outro exemplar, porque esse vou dar de presente a um amigo que curte imprensa.

► Carlos Souza

Miragens

Um dos “prazeres” que tive, a cada semestre, durante minha permanência como aluno da UFRGS sempre foi o verdadeiro quebra-cabeça da montagem da grade de horários. Um dos momentos especiais era a expectativa: conseguirei vaga ou não? As turmas que quero, existem efetivamente? E, a pior de todas: por que constam no currículo aquelas cadeiras que fazem nossos olhos brilharem mas se revelam miragens no deserto? Durante todo o tempo em que fui aluno, me confrontei com disciplinas que se tornaram objetos de desejo, mas que nunca estiveram disponíveis. Tomara que a Universidade, em sua nova fase, corrija esse problema que afligiu gerações de seus estudantes.

► Pieter Hunz

jornal@ufrgs.br

Bailes da Reitoria

O JU está à procura de pessoas que tenham participado dos bailes realizados no salão de festas da Reitoria nos anos 1950 e 60. Se você frequentou ou conhece alguém que tenha frequentado, entre em contato com o Jornal. Estamos buscando depoimentos e fotos daquele período.

► CONTATO PELO TELEFONE 3308 3368 OU PELO E-MAIL JORNAL@UFRGS.BR.

Memória da UFRGS



ACERVO UFRGS

Década de 1950

O reitor Eliseu Paglioli, acompanhado do governador Leonel Brizola, visita as obras de construção do prédio da Faculdade de Arquitetura.

O presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira descerra a placa que assinala a inauguração do prédio da faculdade, no Câmpus Centro da Universidade.

Artigo

A desobrigatoriedade do título de doutor

Voltar ao estágio em que o título de doutor ou mestre passa a não ser mais exigido para o ingresso na carreira do magistério superior é um retrocesso no tempo em pelo menos 40 anos. Nos remete ao período em que a pós-graduação iniciava suas atividades nas universidades brasileiras, com o objetivo primeiro de formação de pessoal para o ensino superior. Surpreendentemente, em 2011, quando imaginávamos ter superado o problema de oferta incipiente de doutores, o tema volta à pauta por meio de um projeto de lei que tramita no Congresso Nacional tratando da desobrigatoriedade de exigência de formação doutoral ou de mestre para os ingressantes na carreira de magistério superior.

Independentemente das motivações que

originaram o referido projeto de lei, cabe lembrar o que a formação doutoral aporta para a qualidade do ensino universitário. O domínio de saberes especializados é certamente um dos aspectos de grande significado, mas não é o único. O maior diferencial do docente doutor é a sua experiência em pesquisa, na produção de conhecimento novo, e a incorporação desta experiência ao processo ensino-aprendizagem.

A preparação de pessoas que percebam e atuem como pesquisadores na sua vida profissional é o alicerce para fazer face ao mundo em que o conhecimento avança a cada segundo. Aprender como acessar o conhecimento, selecionar informações qualificadas, analisá-las, estabelecer inter-relações entre as mesmas e aplicá-las na vida

profissional são habilidades e competências que decorrem da formação do aluno pesquisador, do aluno autor.

O fato de o docente doutor já ter vivenciado esta experiência, acrescido da compreensão da importância de incorporá-la no processo ensino-aprendizagem representa, portanto, o maior diferencial aportado pela formação doutoral docente à qualificação do ensino superior. Neste sentido, a admissão de docentes sem mestrado ou doutorado deve ser uma exceção, para casos em que haja reconhecido notório saber dos candidatos e não uma prática comum, como propõe o projeto de lei que tramita no Congresso.

Valquíria Linck Bassani
Pró-reitora de Graduação

Luc Pellerin

Pesquisando a energia do cérebro

O pesquisador canadense Luc Pellerin, da Universidade de Lausanne (Suíça), esteve na UFRGS em junho, a convite do Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas: Bioquímica. Autoridade mundial em neuroenergética, subárea da neurociência que tenta entender como o cérebro produz e utiliza energia em condições fisiológicas e em situações de doença, Pellerin apresentou a palestra “Plasticidade metabólica cerebral: regulação de transportadores de monocarboxilados em células cerebrais”. Em sua fala, ele explicou como as substâncias utilizadas para produção de energia são transportadas pelos neurônios e de que forma isso influencia a sobrevivência das células e o funcionamento do cérebro.

Em entrevista ao Jornal da Universidade, o professor falou da importância das pesquisas em sua área: “Sabemos que certo número de doenças afeta o cérebro, que pode, em função disso, apresentar algum déficit de energia. O grupo do qual faço parte estuda as interações entre diferentes células cerebrais, os neurônios e os astrócitos [assim nomeados por seu formato de estrela]. Nosso propósito é compreender o papel dos astrócitos em prover energia aos neurônios”, explica.

Cauteloso, Pellerin alertou que os estudos ainda são incipientes. “Identificamos algumas populações de células que, potencialmente, podem fazer ‘nascer’ novos neurônios. Mas essa capacidade é muito limitada. Então, penso que, por enquanto, é melhor direcionar os esforços de pesquisa na tentativa de proteger os neurônios já existentes do que buscar uma maneira

de produzir novos neurônios.” Questionado sobre o potencial das células-tronco, ele foi ainda mais cuidadoso: “Há alguns anos, as células-tronco foram consideradas uma perspectiva viável para a obtenção de novas células neuronais, no entanto, depois de uma série de experimentos, os resultados ainda são muito limitados. A dificuldade é que não basta produzi-las, é preciso fazer as conexões certas. E ainda não existe uma fórmula para ‘dizer’ a essas células como fazer essas conexões”.

Em relação ao estágio das pesquisas realizadas nessa área no Brasil, o professor disse ter encontrado na UFRGS, junto ao grupo dos pesquisadores Diogo Onofre de Souza e Luis Valmor Cruz Portela, um grande interesse na compreensão do papel da neuroenergética e em como ela pode ter um efeito neuroprotetor sobre o cérebro. Por conta disso, ele está desenvolvendo um projeto em parceria com a equipe da Universidade para investigar, por exemplo, como exercícios físicos e uma boa alimentação podem ser usados para aumentar esse efeito neuroprotetor.

Pellerin avalia ainda que a interface entre a neurociência e a informática é uma área bastante promissora, especialmente no desenvolvimento de próteses. Ele ressaltou que alguns pesquisadores estão tentando desenvolver eletrodos estimuladores, capazes de ativar áreas específicas do cérebro ou de coletar informações da atividade de certas regiões do cérebro a fim de relacioná-las a músculos específicos. Essa interface também poderá resolver déficits de comunicação entre o cérebro e os membros.



Autoridade mundial em neuroenergética, Pellerin fez palestra para o PPG em Bioquímica da Universidade

FLÁVIO DUTRA/JU



UFRGS TV

Programa Em Sintonia Com

Clara Pechansky: uma vida definida pela arte

“Eu não escolhi, fui escolhida”, afirma Clara Pechansky sobre a sua longa carreira como artista plástica no programa Em Sintonia Com, da UFRGS TV, que contará um pouco da trajetória da artista, de seus métodos de criação e da sua relação com a Universidade. Desde os 15 anos, a arte esteve presente na vida de Clara, quando começou a estudar na Escola de Belas Artes de Pelotas, instituição na qual se formou Bacharel em Pintura aos 19: “Eu sempre desenhei; não me lembro de não desenhar”, recorda.

Clara também relembra sua relação com renomados artistas, como Aldo Locatelli. Ela foi pupila do pintor italo-brasileiro e grande parte da sua formação como artista plástica veio dessa convivência: “Ele me viu desenhando na Escola de Belas Artes de Pelotas, me pegou pela mão e me levou para a aula de pintura dele. Então, eu não fui simplesmente sua aluna, fui muito mais que isso. Locatelli foi meu guru, a pessoa que, literalmente, me pegou pela mão”. A artista também estudou com Glenio Bianchetti, Glauco Rodrigues, Xico Stockinger e Danúbio Gonçalves.

A relação com a UFRGS veio mais tarde. Aos 20 anos, mudou-se para Porto Alegre e começou a orientar o setor de artes do colégio João XXIII. Foi, então, que se aproximou da Universidade a fim de cursar licenciatura em Desenho e História da Arte: “Eu sentia falta da formação oficial na área da didática, da pedagogia. Então voltei para a escola, vim para a UFRGS”. Para ela, ensinar aquilo que aprendeu ao longo de sua carreira sempre foi uma forma de compartilhar o prazer pela arte.

Amplamente conhecida por sua presença no campo das ilustrações, Clara ilustrou mais de 60 livros. Segundo ela, esse é um trabalho extremamente desafiador, pois é um estímulo receber uma proposta para ilustrar algo que nunca imaginou e ter de criar uma obra embaçada nisso; considera esse processo um estímulo muito grande para produzir, embora as motivações sejam bem diferentes do trabalho autogerado.

“A gente aprende que a disciplina de trabalho é mais importante e que, muitas vezes, vem antes daquilo a que comumente chamamos de inspiração”, afirma Clara sobre a sua rotina. Atualmente, ela possui um ateliê em Porto Alegre, onde, além de produzir pinturas, gravuras, desenhos e ilustrações, orienta alunos interessados e compartilha um pouco de sua experiência.

Isadora Jacoby, estudante do 3.º semestre de Jornalismo da Fabico

Assista aos programas

Para saber mais sobre a trajetória de Clara Pechansky como artista plástica, assista ao programa Em Sintonia Com, da UFRGS TV, que será exibido no dia 19 de agosto, pela UNITV, canal 15 da NET POA, às 20h, com reprise às 23h.

Divulgação

Herbário da UFRGS passa a fazer parte de rede virtual nacional

O Herbário ICN, do Instituto de Biociências da UFRGS, passou a integrar a rede nacional de estabelecimentos de fauna e flora, conhecida pelo nome de Herbário Virtual da Flora e dos Fungos – INCT. Sediado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o INCT oferece informações e infraestrutura para pesquisa.

Segundo a curadora do Herbário, professora Mara Rejane Ritter, a UFRGS foi convidada a fazer parte da rede nacional. “Isso é importante porque agora iremos disponibilizar parte de nosso acervo para consulta por qualquer pessoa. Hoje o que acontece é que os pesquisadores entram em contato para saber o que temos

em nossa coleção. Infelizmente, só um terço do acervo está no banco de dados. Como ele é um herbário muito antigo [criado em 1937, a partir da coleção de Alarich Schultz, professor e pesquisador da Universidade], grande parte dos exemplares ainda não está digitalizada”, explica a curadora.

O setor dispõe de quatro funcionários, mas o volume de trabalho é grande em virtude dos intercâmbios dos programas de pós-graduação com outros herbários do Brasil e do exterior. “Como ainda temos muitos exemplares não tombados, é preciso cumprir todas as etapas para a sua correta conservação: eles estão acondicionados em folhas de jornal, depois temos de criar a pasta e inserir

as informações no banco de dados. Com o ingresso no INCT, conseguimos uma bolsa por seis meses exclusiva para a digitação desses dados, o que vai ajudar bastante”, revela.

Fiel depositário de patrimônio genético, o Herbário possui exemplares históricos, representando determinadas regiões completamente modificadas pela agricultura, pela pecuária ou mesmo pela urbanização. “Atendemos pesquisadores de áreas como a Ecologia, a Agronomia, a Genética, a Farmacologia e a Etnobiologia. Mas a Botânica é, com certeza, a disciplina que mais utiliza o acervo, porque as pós-graduações de vários lugares do Brasil e do exterior nos pedem material emprestado.”

Um herbário não tem apenas folhas e flores, mas também sementes, pólen e outros materiais. “Temos a coleção tradicional que são as exsicatas (plantas ou pedaços de plantas conservados em cartolina com etiquetas com todas as informações) e as coleções especiais de pólen, de frutos, de sementes, de madeira. Estamos começando uma coleção especial com frasquinhos de DNA”, diz Mara. O acervo exige cuidados especiais para a sua preservação, pois há insetos que atacam flores de determinadas espécies, por isso é mantido em ambiente climatizado e periodicamente desinsetizado.

Mara Rejane Ritter e um dos exemplares-tipo que estão integrados ao acervo do Herbário da UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU



Entrevista Michael Schudson

“A ausência de regras não produz liberdade”

Everton Cardoso

O pesquisador Michael Schudson tem se dedicado à história da mídia norte-americana. Professor da Escola de Jornalismo da Columbia University, ele recebeu em 2004 o Prêmio Murray Edelman de distinção em comunicação política da American Political Science Association e do International Communication Association. Autor do clássico *Descobrimos a Notícia - Uma História Social dos Jornais nos Estados Unidos*, lançado no Brasil pela Editora Vozes (2010), seus artigos são publicados em importantes periódicos internacionais.

Em 14 de junho, ele esteve na UFRGS ministrando o seminário internacional Jornalismo, Comunicação e Política, atividade que marcou a abertura da vigésima edição do encontro anual da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós). Para uma plateia de pesquisadores e estudantes, Schudson falou sobre a função das notícias nas democracias, o legado norte-americano para o jornalismo, a revolução digital e o futuro do negócio de notícias nos EUA.

Nesta entrevista concedida via e-mail, o professor analisa as transformações sofridas nas práticas do jornalismo e nas empresas de mídia em geral com o desenvolvimento de novas tecnologias. Defensor da tese segundo a qual para que haja liberdade de imprensa tem de haver proteções legais e um controle por parte da lei, o professor acredita que a ausência completa de regulação às vezes não produz liberdade alguma.

JORNAL DA UNIVERSIDADE – Considerando que o jornalismo é determinado historicamente e geograficamente, que mudanças ocorreram nessa prática profissional com o avanço da globalização e o surgimento das redes digitais?

MICHAEL SCHUDSON – Nos Estados Unidos, a internet tem sido um desafio enorme para os jornalistas na produção das notícias e um sopro devastador para o tipo de negócio de jornal existente no país. Nesse modelo, aproximadamente 80% da receita vem da publicidade, não das assinaturas ou de qualquer outra fonte. Nos últimos quarenta anos, duplicou a porcentagem de receita de publicidade que vem dos classificados – anúncios individuais de carros, casas, apartamentos para alugar, bens usados para comprar ou vender. Mas empreendimentos comerciais online, como Craigslist, monster.com e Ebay, é que têm sido desastrosamente efetivos em capturar os negócios de pessoas e firmas que, em outros tempos, teriam anunciado em jornais. Em países com uma imprensa menos dependente da publicidade, e que em muitos casos em nada dependem dos classificados, a internet tem tido um efeito muito menos negativo ou nenhum efeito. A circulação de jornais na Índia, para tomar um exemplo importante, está aumentando. Você tem que sempre olhar para o cenário específico em que as novas tecnologias e relações globais estão inseridas. Além disso, estamos vivenciando essas mudanças. As pessoas fazem julgamentos sobre o impacto da internet em 2000, 2002 e 2004, mas até 2005 não houve nada semelhante ao YouTube. Pense na importância dos vídeos online hoje. Em 2004, 2006, as pessoas estavam preocupadas com o

risco dos novos, indomados e talvez indomáveis estreates no campo da informação pública, mas o Wikileaks só iniciaria em 2006 e demorou ainda alguns anos depois disso para fazer um estardalhaço internacional importante. O que será inventado amanhã que alterará nossa compreensão do que a internet é capaz?

A sua posição no livro Por que as democracias precisam de uma imprensa que não seja amável (ainda inédito no Brasil) dá alento e conforto a pessoas que podem tornar os meios noticiosos sensacionalistas ou antiéticos?

Talvez. Mas eu queria oferecer uma reação para a excessivamente puritana e, sobretudo, bastante hipócrita crítica à mídia. Mesmo entre os intelectuais universitários que conheço é muito mais provável que discutamos Domini-que Strauss-Kahn [político francês] ou Arnold Schwarzenegger [ator e político austro-americano] do que as recomendações de corte de orçamento feitas pelo deputado Paul Ryan. Meu ponto não é que a batalha entre Republicanos e Democratas sobre orçamento e programas de governo que fornecem benefícios de bem-estar social não deveriam ser relatados em detalhe no jornalismo. Devem, mas é difícil fazê-lo bem; é extremamente difícil fazê-lo de uma maneira que interesse ao grande público e incrivelmente difícil de fazer sem que o repórter se torne uma peça a serviço das forças políticas em conflito. Para mim, algumas das formas mais simples de narrativa têm repercussões enormemente importantes que são muito menos propensas à manipulação por essas forças políticas. O furacão



FLÁVIO DUFRAY/VIU

Katrina, por exemplo, revelou uma negligência no governo federal estadunidense que, de outra forma, teria sido ignorada. E o terremoto e o tsunami no Japão mostraram problemas nas regulações de segurança daquele país que também não estavam na agenda pública. Acidentes, desastres naturais, escândalos e outros eventos sensacionais podem ser o caminho para que uma compreensão pública mais profunda emergja.

Por que as pessoas precisam do jornalismo?

Não precisamos de comida, água, sono ou apoio de amigos, família e companheiros. Quando se está de férias, é possível ficar sem assistir o noticiário de TV ou ler o jornal por alguns dias ou mesmo por algumas semanas? Claro que sim. Foi somente nos últimos duzentos anos que o ‘jornalismo’ – significando uma atualização pública de assuntos contemporâneos que sejam significativos ou interessantes – tornou-se disponível diariamente em diversas partes do mundo. No entanto, não dependemos dele. Nós reconhecemos que nossas vidas são influenciadas por forças que estão muito distantes de nossa experiência imediata, que estão longe de nossas vivências locais e queremos saber mais sobre elas. Nas democracias, porém, ainda que haja votações, temos pouca influência sobre esses poderes e sobre as respostas às decisões por eles tomadas. Também podemos ganhar um senso de comunidade a partir das notícias, do conhecimento sobre acontecimentos atuais a respeito dos quais podemos esperar que outras pessoas que conhecemos também saibam. É por esse motivo que as notícias são importantes tanto para a construção de comunidades com senso de companheirismo e empatia comum quanto

para a construção de um público composto de cidadãos capazes de deliberar.

O que é necessário para que a imprensa seja livre? É preciso algum tipo de regulação?

Para que haja liberdade de imprensa, tem de haver proteções legais e um controle por parte da lei, o que contribuirá para a liberdade de expressão. Os detalhes disso diferem entre um sistema político-legal e outro, mas sem isso não há liberdade de imprensa. A estrutura legal pode ou não incluir regulações substanciais pelo governo. O sistema estadunidense é incomumente resistente ao papel regulatório do governo, mas mesmo nos Estados Unidos há formas conhecidas e desconhecidas de regulação: as concessões de emissoras; as leis a respeito de crimes contra a honra; e também a legislação para permitir que os jornais de uma mesma cidade dividam as despesas com a produção de notícias e a distribuição para que ambos possam manter-se economicamente viáveis enquanto têm identidades e políticas editoriais independentes. A ausência completa de regulação às vezes não produz nenhuma liberdade. Mesmo os sites que permitem comentário do público frequentemente estão mudando de uma coordenação não centralizada para algum tipo de moderação. Sem um moderador para garantir regras de civilidade e para restringir a fala dos mais eloquentes, esses fóruns afastariam participantes e, em última instância, seriam fechados.

O quanto o papel dos jornalistas como intérpretes da realidade tem-se modificado na era do twitter, dos blogs e do facebook?

Primeiramente, vamos lembrar que quando as pessoas buscam notícias, na maioria das partes do mundo, elas fazem o que têm feito por 50 anos: ligam o

rádio ou a televisão. E aqueles que preferem procurar online normalmente acessam os sites ligados aos meios mais tradicionais – New York Times, CNN e outros do tipo –, não os blogs. Então, não deveríamos exagerar ao pensar o quanto as coisas se modificaram. Dito isso, os meios online proporcionam às pessoas uma vasta variedade de novas oportunidades de intercambiar notícias horizontalmente – entre pares, entre amigos – em vez de oferecer notícias para serem absorvidas verticalmente, como consumidores que recebem as notícias de produtores profissionais. Além disso, as pessoas cada vez mais fazem escolhas que retroalimentam o que os produtores profissionais produzem. Os jornalistas estão cientes do que é mais comentado em seus textos ou de quais artigos recebem maior quantidade de e-mails hoje, e isso (para o bem ou para o mal) influencia suas decisões sobre o que cobrir ou como cobrir amanhã. Também aparecem todos os tipos de hábeis críticos da mídia que são amadores ou não pagos (aqui estou pensando particularmente sobre os blogs) que empurram, cutucam ou coagem os produtores profissionais de notícias. Eles apontam falhas e erros na grande mídia e levantam questões sobre temas que acreditam não ter sido suficientemente cobertos. E esses blogueiros têm exercido uma influência real no estabelecimento da agenda noticiosa. Estamos vendo surgir uma nova ecologia das notícias.

Os jornalistas ainda são os intérpretes da realidade?

Claro que ainda são! Mas eles são os nódulos de uma vasta rede, não guardiões no portão informacional do qual só eles têm as chaves. De uma maneira geral, isso parece ser um avanço positivo.

Colaborou Ânia Chala

Os limites da inclusão digital

Comunicação Governo federal lança programa de banda larga ambicioso, mas limitado

O Ministério das Comunicações do governo federal lançou, em 30 de junho, o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL). Trata-se de um projeto para implementar, de forma gradativa, a internet de banda larga em todo o país. O serviço deverá estar disponível em 100% dos municípios brasileiros e em 70% dos domicílios em 2014. Cinco empresas de telefonia já aderiram ao programa, que envolve internet fixa e móvel: Oi, Telefônica, CTBC, Sercomtel e TIM. De acordo com a assessoria de imprensa do ministério, o governo entende que “a banda larga é uma importante ferramenta de inclusão, que contribui para reduzir as desigualdades e garantir o desenvolvimento econômico e social brasileiro”.

As intenções do Plano são ambiciosas, mas ele tem muitas limitações. Quando o serviço começar a ser oferecido, o que deve ocorrer em outubro, os usuários irão dispor de velocidade de conexão de 1 Mbps (megabit por segundo), considerada por muitos como baixa para os padrões atuais. A franquia de consumo será de 300 ou 500 megabytes – dependendo da operadora –, no caso da internet fixa, e a metade disso, na móvel. Esse valor indica o limite de download que o usuário poderá fazer em um mês. Será impossível para um cliente do PNBL baixar um filme, por exemplo. Até 2013, a franquia será ampliada para 1 gigabyte (fixa) e 500 megabytes (móvel). Quanto à velocidade, a meta é chegar a 5 Mbps em 2014.

Há uma disparidade muito grande de oferta de banda larga dentro do território nacional. Nos grandes centros, é possível contratar um plano de 100 Mbps. Mas, nos estados do Amapá e de Roraima, o alcance do serviço de internet rápida é mínimo. Por se tratar de país continental, devem ser buscadas soluções para regiões excluídas da atual infraestrutura brasileira de banda larga. “As empresas concessionárias responsáveis pela distribuição de energia possuem linhas de transmissão de fibra ótica. O governo pretende utilizar essa rede capilar que existe em todo o país para transmitir dados para locais mais distantes. Os cabos telefônicos também podem ser usados, mas precisam ser de melhor qualidade. Outro problema é que, no interior, as linhas telefônicas são longas, o que provoca a diminuição da velocidade. Também é possível fazer sistemas sem fio ou por satélite”, explica o professor Roger Hoefel, da Escola de Engenharia da UFRGS.

Para o docente, “as operadoras instalam sistemas de alta qualidade em lugares de maior lucratividade, ou seja, grandes centros urbanos. É complexo levar fibra ótica até a Amazônia, por exemplo. Existem várias soluções técnicas que, entretanto, envolvem grandes investimentos financeiros, e as operadoras não querem arcar

com os custos envolvidos na instalação e operação para regiões em que não veem atratividade econômica”. O PNBL será desenvolvido aos poucos, município a município. Nos 100 primeiros, as regiões Nordeste e Sudeste foram priorizadas.

Os problemas do Plano – O que chama a atenção no PNBL é o baixo limite de tráfego de dados que será concedido aos usuários. Inicialmente, o cliente só poderá fazer, por mês, o download de menos de 500 megabytes. Caso ele ultrapasse esse limite, a velocidade será reduzida, mas a Internet não será suspensa. As empresas também devem oferecer a possibilidade de o cliente pagar uma taxa para que sua conexão volte ao normal.

Segundo Hoefel, “o limite de download do PNBL permite ao usuário ver vídeos em baixa resolução, por exemplo. Aplicações mais complexas, que envolvam visualização em tempo real, não estariam garantidas. Mas é preciso estar atento a outros vetores, como o hardware. É necessário ter computadores com recursos suficientes para que os usuários possam usufruir de altas velocidades de transmissão”.

O Ministério das Comunicações declarou, por meio de sua assessoria de imprensa, que considera o limite adequado: “O foco do Plano são os usuários que nunca tiveram acesso à rede e utilizarão a internet para enviar currículos, procurar empregos e outras atividades que não demandam amplo uso da conexão”.

Vale ressaltar que as capitais não são o foco do PNBL. Afinal, os grandes centros urbanos podem contar com serviços semelhantes a um preço não muito mais alto, sem que a franquia de download seja tão limitada. Na capital gaúcha, uma empresa oferece serviço de internet fixa com a mesma velocidade prevista no PNBL e 20 gigabytes de limite de download a R\$ 54,90. Outra sequer dispõe de um plano de 1 Mbps; seu mínimo é 5, sem limite de download, por R\$ 49,90. Uma terceira empresa informou que o serviço de internet fixa está disponível apenas para quem tiver telefone dessa mesma operadora. Quando a reportagem perguntou se isso não seria venda casada, a ligação caiu. A prática, proibida pela legislação brasileira, significa a obrigação, imposta pela empresa ao cliente, de comprar um segundo produto para poder adquirir o que deseja. No PNBL, as empresas não poderão forçar os clientes a adquirir o serviço de telefonia para ter internet.

Outro problema é como garantir que o serviço contratado seja cumprido. Em um anúncio comercial de banda larga, as letras pequenas dizem: “A velocidade

anunciada de acesso e tráfego na internet é a nominal máxima, podendo sofrer variações decorrentes de fatores externos”. No PNBL, essa seria 1 Mbps. A velocidade real, porém, é menor. “Nos horários com mais demanda a internet pode ser comparada ao sistema de trânsito. Assim, nesses horários, podem ocorrer congestionamentos na rede, com a consequente diminuição da taxa de transmissão efetiva”, explica o professor Hoefel. Para ele, “a Anatel deve estabelecer regras de controle para garantir que a operadora esteja transmitindo a velocidade acordada”. As empresas são obrigadas, por contrato, a assegurar ao cliente um índice de apenas 10% da velocidade acertada. Na prática, elas oferecem mais do que isso, mas o usuário não pode reclamar se, em horários de pico de uso, a velocidade cair.

De acordo com o ministro Paulo Bernardo, o acordo com as teles “quase não saiu” por conta da pressão feita por Dilma para que as empresas obedecessem a padrões de qualidade rígidos. Segundo ele, a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) assumiu, com a presidente, o compromisso de estabelecer a regulamentação até 31 de outubro. Em contato feito pelo JU, a assessoria de imprensa da agência afirmou apenas que “o regulamento que trata da qualidade está sendo trabalhado pela Anatel, e os critérios ainda passarão por consulta pública”.

João Flores da Cunha e Luiz Eduardo Kochhann, estudantes de Jornalismo do Fabcio



2010 e 2011 Teoria e prática

O resultado do acordo do governo com as operadoras de telefonia é muito diferente da ideia original do Plano, que foi criado em maio do ano passado. A Telebrás, que havia sido privatizada em 1998, foi reativada para atuar na gestão do projeto. A empresa que atenderia os consumidores seria a própria estatal. Ela herdou a malha de fibra ótica da Eletronet, sua subsidiária que faliu. O planejamento inicial era oferecer conexão com velocidade de 512 kbps a R\$ 35.

A estatal, porém, acabou prejudicada pelo plano de contenção de gastos do novo governo – em fevereiro, a presidente Dilma anunciou corte de R\$ 50 bi no orçamento de 2011. Ou seja, não havia mais condições para que o plano original fosse cumprido: faltavam recursos e investir dinheiro público no setor de telecomunicações, em que há capital privado, não era prioridade. Ficou claro, assim, que o caminho para que o PNBL saísse do papel era abrir negociações com as empresas de telefonia. A presidente determinou que a velocidade de conexão oferecida no Plano dobraria, sem alteração de custo.

Quem ainda lutava pela posição anterior, em que o governo federal seria o principal investidor e administrador da internet brasileira, era Rogério Santanna, que assumiu a presidência da Telebrás quando da criação do projeto. Um dos idealizadores, ele defendia publicamente que o PNBL deveria servir como estímulo à concorrência em um setor dominado por poucas empresas.

A solução que o Ministério das Comunicações encontrou para lidar com essa situação foi demitir Santanna. Ele deu declaração curiosa após a reunião em que foi informado de sua dispensa, no fim de maio: “O governo anunciou que iria fazer alguns ajustes na Telebrás e não tinha me falado nada. Hoje, eu descobri que o ajuste é a minha saída”. Um mês depois, o acordo com as operadoras de telefonia ficou pronto.

O PNBL não terá subsídios governamentais. A Telebrás atuará na administração da malha de fibra ótica do setor elétrico. Os gastos da empresa estarão concentrados nessa infraestrutura. Onde ela não existir, a internet de banda larga funcionará com tecnologia móvel (3G e 4G).



Patas dadas contra o abandono

Proteção animal *O trabalho dos estudantes da UFRGS que cuidam dos cachorros do Câmpus do Vale*

Enquanto entrevistamos a estudante Augusta Silveira ao lado do bar do Antônio, vários animais circulam ao nosso redor. Para os frequentadores do Câmpus do Vale, ver cães no pátio e, às vezes, dentro da sala de aula já se tornou corriqueiro. Eles são o tema da nossa entrevista, quando uma voluntária da Bichos do Câmpus (organização de proteção aos animais) nos interrompe para contar que duas cadelas foram encontradas no estacionamento. Ansiosa, Augusta logo pergunta se eram castradas e se uma delas era toda preta ou tinha alguma marca que a identificasse. O primeiro pensamento é de que o episódio do desaparecimento de Catita estava resolvido. Infelizmente, tratava-se de mais dois animais abandonados, fato comum naquela área da Universidade.

O que nos levou ao local para conversar com a estudante de História foi um cartaz no Restaurante Universitário solicitando informações sobre uma cadela desaparecida. Há cerca de um ano, Catita foi deixada amarrada em uma árvore com um bilhete que dizia “Sou um bom cão de guarda”. Augusta tornou-se sua tutora alguns meses depois de entrar na UFRGS, no início do último semestre. “Eu estava passando e ela veio brincar. Não era como os outros, que tentavam me morder. Então, a peguei no colo. Depois disso, ela começou a me esperar na parada do ônibus e assistir às palestras da semana acadêmica comigo. Ficava a manhã toda no meu colo durante as aulas”, conta.

Descrita como dócil e brincalhona pelos estudantes, Catita costumava ficar nas proximidades do prédio da Letras. Não é vista desde o dia 18 de junho. Cartazes com uma foto sua foram espalhados por toda a UFRGS e voluntários fizeram buscas no Vale. “Já fui a todos os lugares possíveis, não tem mais onde procurar. Por aqui acho que não a encontro mais”, diz Augusta. Ela acredita que alguém tenha adotado o animal sem deixar avisos.

Mesmo com tantos animais circulando no local, apenas uma minoria de alunos, professores e funcionários dedica alguma atenção a eles. “Tem gente que não gosta. Pensam que ninguém deve se responsabilizar. Mas, se eles estão aqui, é porque alguém os deixou. Se tu não é parte da solução, é parte do problema. Se não se faz nada pra mudar, vai continuar tudo igual”, afirma a estudante. Augusta optou por ser parte da solução: tornou-se integrante do projeto Patas Dadas.

Patas Dadas – Em abril de 2009, sete cães foram envenenados e morreram no Câmpus do Vale. Outro foi jogado em um poço de decantação. Na parede, ficaram as marcas da tentativa do animal de se salvar. Em um sábado de junho, o professor Renato Zamora Flores recebeu uma ligação da segurança da Universidade. Era o aviso de que um de seus cães,



ELISA BORTOLINI/JU

Como ajudar?

- Doando ração, cobertas, remédios, materiais de construção, etc.
- Tornando-se um voluntário
- Assumindo a responsabilidade por um animal e bancando alguns de seus gastos
- Conscientizando-se sobre a importância de adotar e castrar

Para mais informações, acesse o site: www.patasdadas.com.br

o Alegria, havia sido encontrado morto. O animal auxiliava no atendimento às crianças vítimas de violência e maus-tratos no ambulatório do Departamento de Genética, do qual Renato é coordenador: “O Alegria sentava no meu colo, botava as patinhas na mesa, e eu dizia assim: ‘conta aqui para o dr. Alegria o que aconteceu’. É a terapia assistida por animais”. Alegria foi morto a pauladas.

Da indignação por essas atrocidades cometidas contra os animais surgiu o Patas Dadas, formado pelos estudantes que, voluntariamente, cuidavam dos cães abandonados no Vale. O trabalho é o mesmo até hoje: acolher, alimentar, vacinar, medicar e castrar os cachorros.

Mesmo na correria de final de semestre, com uma prova complicada de Física III para fazer dias depois, Rita de Cássia Dias Barriles não deixou de dar uma passada rápida no canil do Câmpus. A estudante do 10.º semestre de Engenharia Cartográfica era uma das responsáveis matinais pela alimentação e medicação dos vários bichinhos cuidados pelo projeto.

Essa é a rotina dos cerca de 20 voluntários do Patas Dadas, a maioria estudantes de graduação. Os integrantes também gerenciam a adoção dos animais recolhidos no Câmpus do Vale. No site do projeto estão disponíveis dezenas de fotos, juntamente com outras informações

básicas dos cachorros e gatos à procura de um novo lar. Os animais costumam ser levados a feiras de adoção e pet shops que disponibilizam esse serviço.

Dificuldades – A infraestrutura que o grupo dispõe é precária – um canil improvisado em que ficam alojados cerca de 40 a 50 bichinhos. “Nós somos um MST dos animais. Chegamos e fomos construindo, de acordo com as nossas possibilidades”, diz Rita sobre o local. Larissa Clausen Pereira, graduanda em Veterinária pela UFRGS e vice-coordenadora do Patas Dadas, reconhece que as condições são “péssimas”, mas diz que essa situação é melhor do que se os animais estivessem procriando ou vagando doentes pelo Câmpus.

As dificuldades, entretanto, são proporcionais à alegria dos voluntários quando os animais encontram um lar adequado. Larissa relembra a história do Labrador Baco, diagnosticado com um tumor no cérebro: “Nós conseguimos fazer a cirurgia e a quimioterapia necessárias, e o Baco foi adotado. Ele ganhou pais fantásticos, que lhe dão todo o amor e carinho. Mesmo quando a doença reapareceu, eles não o abandonaram, e hoje o Baco está superbem e feliz”, conta.

Para controlar a entrada e saída dos animais, o grupo cadastra os bichinhos assim que são recolhidos. “Tiramos uma

foto e damos um nome. Ultimamente a gente está até sem nome, porque é muito cachorro”, comenta Rita. Essa grande família canina complica a vida dos voluntários na hora de comprar alimentação. Segundo Larissa, são consumidos, em média, 300kg de ração por mês. Como o projeto sobrevive à base de doações, o grupo se endivida com pet shops e clínicas veterinárias.

Para driblar os problemas financeiros, os integrantes promovem campanhas, estabelecem postos de coleta, fazem vaquinhas – o grupo presta contas mensalmente em seu site – e vendem produtos com a marca Patas Dadas. Porém, a quantidade de doações ainda é baixa.

Nos momentos de apuros, o projeto conta com a ajuda do Hospital Veterinário da UFRGS, que faz o atendimento médico dos animais doentes ou feridos e permite que o grupo pague aos poucos a conta. O único procedimento que não é realizado no hospital são as castrações de cães e gatos. A medida, que busca evitar a proliferação de animais nas ruas, é cara: para cachorros, os preços variam de 60 a 150 reais, dependendo do porte. A solução encontrada pelo Patas Dadas é levar os animais a mutirões de castração por baixo custo, como o Projeto de Castração de Animais Domésticos (PCAD).

Apesar de muitos estudantes e funcionários do Câmpus entenderem a

importância do projeto desenvolvido, Larissa comenta que “a maioria da comunidade acadêmica vê o Patas Dadas como um bando de loucos sem ter o que fazer. As pessoas precisam entender que fazemos isso pelo bem-estar de todos, procurando salvar o maior número de animais vítimas de abandono no local”.

O futuro – O Patas Dadas acaba de ser reconhecido pela UFRGS como projeto de extensão. Sobre o que isso pode melhorar no cotidiano do grupo, Larissa diz esperar “que mude o reconhecimento do nosso trabalho perante todos, dentro e fora da Universidade”. O professor Renato será o coordenador.

Está sendo discutida com a Superintendência de Infraestrutura (Suinfra) a possibilidade de o projeto passar a ocupar um prédio abandonado do Câmpus. “Eu estou chamando isso de ‘Minha Casa, Minha Vida canina’, porque nós vamos sair da favela e ir para um prédio”, diz o professor. O problema que aparenta ser de mais difícil resolução é o ritmo contínuo dos abandonos. O número de animais largados no Vale é superior ao que os voluntários conseguem encaminhar para adoção.

Daiane de David, João Flores da Cunha e Luiz Eduardo Kochhann, estudantes de Jornalismo da Fabico

Quem faz a diferença

“Enquanto não houver conscientização e educação, para cada cão adotado haverá um novo abandonado. Porém, acreditamos que isso não é motivo para fecharmos os olhos para a realidade e, embora os abandonos nos entristeçam, as adoções bem-sucedidas nos dão força para continuar o trabalho”

Carolina Gazzoni, 24, estudante de Medicina Veterinária

“Particpei de outros grupos de proteção animal, mas nenhum se compara ao trabalho

dos voluntários do Patas Dadas. As condições dos canis são precárias, mas o tratamento que os animais recebem enquanto estão sob responsabilidade do grupo é exemplar. O mais importante não é a quantidade de animais doados, mas a qualidade dessas adoções, e isso o Patas Dadas garante. Embora não concordemos com a presença dos animais nas imediações da Universidade, temos consciência de que sem o nosso trabalho a situação seria muito pior, tanto para os animais quanto para a comunidade acadêmica.”

Karine Rodrigues Klaine, 21, voluntária

“Hoje, o Patas Dadas não é mais um projeto informal e conta com o respeito da comunidade. O que nos move é a luta pela memória daqueles cães inocentes [que foram mortos em 2009].

Claro que ainda precisamos de muito apoio, mas a luta vale a pena quando lembramos de todas as vitórias que conquistamos nesse tempo”

André Guerra, 23, estudante de Jornalismo

“Uma das coisas que mais me surpreendeu no Patas Dadas foi o comportamento dos cães, pois, apesar do sofrimento e do abandono pelos

seus antigos tutores, eles não desistiram das pessoas: ainda se esforçam para conseguir carinho e atenção e ainda precisam de uma família.”

Priscila Mengue, 20, estudante de Jornalismo

“Estar aqui não significa que eles têm casa. Esse é apenas um lugar provisório. As pessoas cada vez abandonam mais, e as adoções não acontecem no mesmo nível. O que a gente mais precisa são pessoas dispostas a ajudar e dar carinho. Quem quiser ajudar tem espaço”

Augusta Silveira, 18, estudante de História

Conhecimento não tem idade

Ensino EJA do Colégio Aplicação mostra como a educação formal pode mudar a vida das pessoas

É quinta-feira à noite e o Colégio Aplicação, no Câmpus do Vale, ferve com alunos das mais diferentes idades e procedências. Apesar do frio e do horário, a maioria dos encasacados no saguão parece animada por estar ali, aguardando o sinal que dará início às aulas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em funcionamento desde 2008.

Naida Oliveira Espírito Santo é uma dessas estudantes que não deixa o cansaço do dia a dia transparecer no rosto. Com 57 anos e cursando o ensino médio, essa senhora de Viamão conta que, antes de começar a frequentar as aulas, no primeiro semestre de 2010, sentia-se envergonhada entre os colegas do centro espírita em que trabalha por não ter a escolaridade completa. Isso porque, durante boa parte da vida, Naida teve de dar prioridade à família. Agora, porém, a aposentada está decidida a tirar o atraso: “Tudo o que o colégio puder me oferecer, eu vou aproveitar. Estou adquirindo conhecimento, e era isso o que eu estava buscando”.

Metodologia diferenciada – Além daqueles que estão há muito tempo longe das salas de aula, essa modalidade de ensino contempla também jovens repentes que perderam o ano escolar normal e pretendem terminar a sua formação o mais rápido possível. Propondo um ensino com status idêntico ao da escola regular tradicional, a EJA do Colégio Aplicação divide suas disciplinas em blocos temáticos: exatas e da natureza; expressão e movimento; humanas; comunicação. Conforme explica Marlon Mello de Almeida, coordenador da EJA, essa organização foi pensada justamente visando à interdisciplinaridade: “Os professores montam um projeto de maneira que, com frequência, há dois ou três deles trabalhando na sala de aula o mesmo assunto sob diversos pontos de vista”.

Nas sextas-feiras, são realizadas oficinas sobre os mais variados assuntos. Teatro, culinária espanhola, redação dissertativa e astronomia são algumas das temáticas que já inspiraram atividades especiais. Pré-requisitos para os alunos se formarem, as oficinas recebem, inclusive, professores de outras faculdades da UFRGS, colaborando para que o aluno da EJA possa se apropriar dos espaços acadêmicos.

João Carlos Elias, que trabalha na Secretaria de Apoio ao Estudante do Aplicação e auxilia especialmente os alunos da EJA, explica que, como membros da UFRGS, essas pessoas passam a ter acesso aos mesmos benefícios que possuem os estudantes do ensino superior: carteirinha da universidade, permissão para retirar livros nas bibliotecas e acesso aos restaurantes universitários e às colônias de férias. “À noite, nós também fornecemos uma merenda a todos, porque eles vêm geralmente do serviço e não têm condições e tempo para comer”, completa.

“Buscamos fazer uma EJA de qualidade, de sensibilização do aluno para o mundo do trabalho. E valorizamos, sobretudo, a experiência do próprio estudante, que tem histórias de vida muito bacanas para compartilhar”, explica Marlon. Carlos Eraldo Machado, 41 anos, estudante do terceiro ano do ensino médio, destaca a responsabilidade do projeto com a inclusão social: “Acho bacana a preocupação deles com o retorno dos alunos ao mercado de trabalho, porque, com uma escolaridade melhor, tu consegue disputar vagas melhores”.

Para o segundo semestre deste ano, a EJA do Colégio Aplicação sofrerá mudanças. Por conta da baixa procura pelo ensino fundamental, o projeto passará a oferecer vagas apenas para o ensino mé-



Luiz Antônio da Silva Peixoto, chefe da equipe elétrica do Câmpus Saúde, formou-se pela EJA do Aplicação

dio. “Fica mais fácil trabalhar com planejamento pedagógico quando tu tens um número de alunos reduzido durante a noite. Então optamos por concentrar os esforços nessa etapa e oferecer um ensino de mais qualidade”, explica Marlon.

Pesquisa e inclusão digital – Ex-aluno, Alberto José Martins Neto, 52 anos, destaca a ênfase da EJA-Aplicação para a área da produção científica. No final de cada série, os alunos devem apresentar um projeto de pesquisa a respeito de um tema específico, desenvolvido ao longo do semestre. O trabalho funciona como uma espécie de “minitcc”, com direito à banca examinadora, professor orientador e formatação segundo as regras da ABNT. “Tu tens que, com todo o conhecimento absorvido ao longo das aulas, mostrar o teu desempenho. Tu te tornas um aluno mais investigativo, e isso tem muito a ver com a maneira de aprender atual”, afirma Alberto.

Os estudantes também são estimulados a se apropriar dos meios eletrônicos para ampliar seus conhecimentos. O Colégio Aplicação disponibiliza um laboratório de informática e um monitor que auxilia os alunos no uso dos equipamentos. “Às vezes, o cara entra sem saber mandar um e-mail e sai daqui com um blog e apresentando power point”, conta Marlon Mello de Almeida.

Esse foi o caso de Luiz Antônio da Silva Peixoto, 59 anos. Antes do EJA, o chefe da equipe elétrica do Câmpus Saúde da Universidade não se entendia com teclados, monitores e mouses. Hoje, depois de formado, faz a maioria das planilhas que utiliza no trabalho em seu computador. “Não dá pra ficar parado no tempo”, sentença.

Aprendizado docente – Depois de 40 anos afastada dos livros, o medo de não conseguir acompanhar as aulas foi algo que preocupou a funcionária da UFRGS Araci da Silva Exterkottre. Hoje já formada, ela garante que tal angústia vai sumindo gradativamente ao longo dos semestres: “Os professores daqui são bem preparados para lidar com pessoas de mais idade, apesar de ser difícil conciliar trabalho, casa e estudos. Se para os jovens não é fácil, imagina para a gente”, brinca.

Nesse sentido, a professora de português Vivian Ignes Albertoni Silva ressalta a importância de uma metodologia de ensino diferenciada para esse público. “Existe aquela ideia de que quem precisa de uma aula animada e interativa é adolescente. Mas quem mais necessita se sentir empolgado com a matéria, na verdade, é o cidadão que trabalhou o dia inteiro e que vem para cá estudar à noite”, esclarece.

Além dos professores do Colégio Aplicação, os estudantes da EJA também têm aulas com alunos

de graduação da UFRGS, que fazem seus estágios de docência ali. Segundo Marlon, essa experiência é extremamente enriquecedora: “Como tu estás lidando com gente que tem muitas histórias de vida bacanas para dividir contigo, tu aprendes a ouvir mais. E isso é, muitas vezes, o ponto gerador do teu conteúdo”.

Já Viviani constatou que o ensino vai muito além do transmitir o conhecimento da forma mais completa possível. “Dar aula para EJA me mostrou que, às vezes, é mais importante tu retores a empolgação de um aluno quanto a determinado componente escolar do que efetivamente aprofundar o assunto. Conhecimento não é só o que tu ensinas em aula, conhecimento é aquilo que tu apontas, e o aluno vai buscar sozinho. O EJA realmente dá esse retorno afetivo muito forte. O estudante está muito a fim; ele fica encantado com tudo o que tu dizes, e isso te ajuda como professora”, completa.

Sonhos e histórias – Voltar a estudar traz várias mudanças para a vida dos alunos da EJA. A aposentada Naida, por exemplo, adquiriu um novo sonho. Depois que se formar, ela pretende fazer uma faculdade. A motivação são os filhos, que pararam de estudar: “Eu quero dar esse exemplo, quem sabe assim eles também começam de novo e não desistem”.

Para Luiz Antônio, a EJA representou superação e autoconhecimento. O “tio Luiz”, como era carinhosamente chamado por seus colegas, foi o aluno mais velho da sua turma. Com seu sorriso aberto e seu olhar sério, o porto-alegrense inspirava respeito entre os mais jovens. Quando a conversa passava dos limites, Luiz puxava as orelhas da gurizada. “Ai eles diziam: ‘O tio Luiz é brincadeira!’”, relembra rindo.

Sua simpatia natural lhe rendeu o cargo de líder da turma e, mais tarde, a importante missão de ser o orador na formatura. “Vou dizer pra ti: aquilo ali foi um aprendizado para mim, porque eu nunca tinha falado em público. Antes eu era uma negação para falar, gostava de ficar na minha, mas os professores me mostraram que a gente tem que conversar, tem que se expressar”. O discurso – que teve até poema recitado – foi tão bom que, mais tarde, Luiz foi convidado a repeti-lo em uma palestra só para professores – muitos dos quais conheceram a realidade da EJA pela primeira vez por meio das palavras do electricista. “Teve um professor de Biologia que desatinou a chorar e me disse: ‘Ô, tio Luiz, pra que fazer a gente chorar desse jeito?’”, conta emocionado.

Daiane de David, estudante do 5.º semestre de jornalismo da Fabico

Da greve para a sala de aula

A primeira EJA da UFRGS começou a ser delineada durante uma greve de funcionários ocorrida em 1984. Foi no meio da agitação política, durante as reuniões do comando de paralisação, que se constatou que havia funcionários da Universidade que não sabiam ler nem escrever. Inspirados pelas ideias do educador Paulo Freire, um grupo de técnicos, sem nenhuma formação pedagógica específica, resolveu tomar para si a tarefa de alfabetizar os colegas.

Com o passar dos anos, o projeto ganhou apoio da administração da Universidade e passou a oferecer também o ensino fundamental. Mais tarde, com o reconhecimento do Conselho Estadual de Educação e a possibilidade de emitir certificados, a iniciativa começou a receber muitos estudantes de graduação interessados em fazer seus estágios de licenciatura obrigatórios com as turmas da EJA. Muitos desses alunos terminaram a graduação e fizeram seus mestrados e pesquisas na área da Educação de Jovens e Adultos.

Inicialmente voltado para servidores da Universidade, o projeto abriu-se, na metade da década de 90, para toda a comunidade, atendendo, inclusive, funcionários de vários setores da Prefeitura de Porto Alegre. Cláudia Aristimunha, diretora do Museu da UFRGS, começou a dar aulas para a EJA em 1989 e ficou até o final da iniciativa (2003), quando esta já se chamava Programa de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos Trabalhadores (PEFJAT). “Por conta de sua metodologia diferente, da participação dos alunos e dos técnicos, o programa se tornou referência dentro e fora do estado”, conta.

O PEFJAT foi referência também na formação de professores, pois desenvolveu em suas salas de aula metodologias que, mais tarde, passaram a ser utilizadas em outras escolas. “Nós tínhamos convênio com o Estado na formação de professores. Então fomos para as cidades de Caxias do Sul, Santa Cruz, Camaquã, Xangrilá e Capão da Canoa para realizar cursos”, relembra Cláudia.

Com a nova versão, em 1996, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, as atividades do PEFJAT tiveram que ser encerradas. Como instituição de nível superior, a UFRGS não poderia oferecer ensino fundamental e médio em suas dependências. Apesar de lamentar a extinção do projeto, Cláudia fala com carinho daquela fase e relembra uma história marcante em sua trajetória como professora: “Uma vez eu vi um colega lendo um jornal de cabeça para baixo. Ele estava lá, sozinho, forçava os olhos, se esforçava para entender alguma coisa. Na época, aquilo me deixou muito chateada. Mais tarde, quando ele já havia feito a EJA, eu o encontrei novamente numa assembleia de funcionários, lendo o boletim da ASSUFRGS para uma roda de colegas. Essas coisas são superimportantes para a gente e servem para mostrar o quão paradoxal é ter pessoas que não saibam ler e escrever dentro de uma instituição de ensino”.



Mais informações

Site do Colégio Aplicação (www.cap.ufrgs.br) ou pelo telefone 3308 6977

Especial

Miguel Nicolelis

Neurocientista mostra ao mundo a pesquisa de ponta brasileira

TEXTO JACIRA CABRAL DA SILVEIRA

Dia 14 de julho, a presidente Dilma Rousseff recebeu o neurocientista Miguel Nicolelis para a apresentação de dois de seus projetos: *Escola sem fronteiras*, destinado a levar educação científica a 12 cidades na fronteira brasileira, integrando crianças e professores dos países envolvidos; e o projeto *Andar de Novo*, desenvolvido em Natal (RN). Nicolelis conversou com a presidente sobre a possibilidade de trazer ao Brasil, durante os eventos esportivos de 2014 e 2016, as primeiras demonstrações clínicas da interface cérebro-máquina, transformada numa aplicação para a locomoção de pacientes paraplégicos ou tetraplégicos.

“A ciência desenvolvida no Brasil tem potencial tremendo e trabalha em colaboração com colegas do mundo todo e com a nossa sociedade. Por isso, queremos que esse projeto seja da sociedade brasileira, com a colaboração das crianças das escolas e dos cidadãos comuns, para tentarmos realizar o sonho de ver um paciente paralisado voltar a andar usando uma veste robótica controlada pelo sistema nervoso central”, afirmou o pesquisador à imprensa, logo após a entrevista com Dilma.

O neurocientista coordena um dos mais avançados laboratórios de neurociência do mundo, na Duke University, em Durham, Carolina do Norte, EUA. Seu nome figura em uma lista das 20 personalidades mais importantes para o avanço tecnológico mundial, elaborada pela revista *Scientific American*. Recebeu inúmeras premiações e é o criador do Instituto Internacional de Neurociências de Natal Edmond e Lily Safra, no Rio Grande do Norte.

Do DF ao RS – No mesmo dia, a turma de 4.º ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da UFRGS recebia a reportagem do *Jornal da Universidade* para conversar sobre algumas dessas descobertas e sonhos de Nicolelis e de seus colegas cientistas. O objetivo do encontro era saber o que crianças entre 9 e 10 anos de idade teriam a dizer a respeito das experiências realizadas pelo neurocientista, e tentar imaginar para onde elas podem nos levar.

Nenhum dos 23 alunos presentes duvidou que aquele macaquinho no laboratório pudesse fazer mover o braço mecânico a quilômetros de distância por meio de estímulos cerebrais. “Se ele conseguiu fazer o macaco, com o pensamento dele, mexer o braço mecânico, eles podiam fazer isso com a pessoa. A mecânica podia ficar no corpo da pessoa”, comenta Vitória, a primeira a falar.

Mais atrás, Tami levantou a mão e quis continuar: “A sora tinha falado dessa roupa [veste robótica] que tem tipo umas coisinhas que mexem nossos nervos e ajudam a mexer o corpo. E ela falou que, se o Joel [colega de turma] botasse essa roupa, ele conseguiria andar e sair da cadeira [de rodas]”.

Mônica Estrázulas, professora da turma, já havia conversado com seus alunos sobre o livro *Muito Além do Nosso Eu: a nova neurociência que une cérebro e máquinas – e como ela pode mudar nossas vidas*, que Nicolelis veio lançar em Porto Alegre durante a segunda edição do ano do Fronteiras Educação – ação educacional do seminário Fronteiras do Pensamento 2011. Por isso, enquanto a conversa transcorria ora truncada, ora cheia de apartes, um exemplar do livro passava de mesa para mesa para que as crianças pudessem conferir fotos e ilustrações. Quem não queria falar, desenhava, assim como Rodrigo e Andrey, que fizeram seus protótipos, inspirados na experiência do neurocientista.

“Vocês acham que sonhar tem a ver com a atividade dos cientistas?” Foi uma das perguntas à turma. “Eu acho que sim, às vezes a gente tá fazendo um trabalho e tem que pensar no que vai fazer. Eu acho que tem tudo a ver”, disse Tami mais uma vez. Mas nem todos concordam e alguém fala um “ah-ah” [não, não], mais ao fundo da sala. A professora comenta em particular com a repórter que “eles ainda não têm como amparar essa ideia do Nicolelis em algo que seja muito conhecido deles”. Por outro lado, explica que a turma já trabalha com iniciação científica e está acostumada a estudar o que outros já estudaram e a projetar seus próprios inventos para verificar se um determinado modelo funciona ou não.

Para terminar, cada aluno recebe uma folha impressa com o desenho do protótipo do exoesqueleto ou veste robótica. Todos ficam curiosos e comparam com aquelas que encontraram na internet durante a entrevista coletiva. Joel fica entusiasmado, Mônica se aproxima e os dois retomam a conversa sobre a possibilidade de ele vir a andar com uma veste daquelas.

Joel observa com atenção os detalhes e comenta com a professora: “Eu tenho ferro lá em casa, acho que dá pra fazer”. Para a professora, essa é uma atitude natural para seu aluno, que já traz em seu DNA a prática da iniciação científica: “Ele está imbuído disso. Ele viu que tem alguém que está tentando fazer um modelo experimental pra poder fazê-lo caminhar. Quer saber como isso funciona, quer reproduzir e testar para verificar se é possível ele mesmo fazer. Ele não deixou pros outros, entende?”.

Pesquisador sonha em apresentar exoesqueleto durante a abertura da Copa de 2014

Alunos do 4.º ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da UFRGS estudaram ideias de Nicolelis em aula



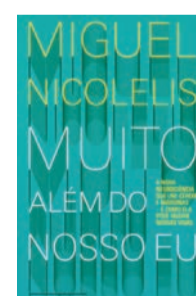
FOTOS: FLÁVIO DUTRA/JU



Uma visão relativista do cérebro humano

Em *Muito Além do Nosso Eu: a nova neurociência que une cérebro e máquinas – e como ela pode mudar nossas vidas*, recentemente lançado, o premiado cientista brasileiro Miguel Nicolelis propõe uma visão relativista do cérebro humano que, combinada com uma crescente capacidade tecnológica para escutar e decodificar as “sinfonias neuronais” resultantes de sua incessante atividade, permitirá que nos expressemos para além das fronteiras e limitações colocadas por nosso corpo primata e por nosso senso de eu. Em 13 capítulos, o neurocientista generosamente compartilha com o leitor a trajetória dos seus 25 anos como pesquisador, entrelaçando o texto com uma exaustiva revisão da literatura na área de neurociência. Para Nicolelis, ao utilizarmos o talento de nosso cérebro relativista e sua habilidade de simular a realidade, agregada à sua avidez por assimilar ferramentas, a humanidade poderá alcançar dois objetivos extraordinários: recuperar

Muito além do nosso eu
Miguel Nicolelis,
Companhia das Letras, 2011, R\$ 39 (valor médio)



a vida de pessoas prejudicadas por danos neurológicos e permitir o alargamento de nossa percepção e ação no universo. Os experimentos com o uso de Interfaces Cérebro Máquina (ICMs) já lhe permitiram demonstrar que macacos podem aprender a controlar sozinho os movimentos de objetos, como braços e pernas robóticos, localizados próximo ou longe deles, apenas com a atividade elétrica de seus cérebros. Hoje, membros de um consórcio científico internacional colaboram para a construção de uma

neuroprótese (The Walk Again Project), com a qual o paciente, utilizando uma ICM, controla um exoesqueleto (veste robótica). O futuro da pesquisa nessa área aponta para o domínio de tecnologias que permitirão o uso da atividade elétrica do cérebro para interagir com todo o tipo de artefato computacional. A rigor, no futuro, seria possível a existência de uma *brainet*, segundo o autor, o que nos permitirá trocar ideias com milhões de outros cérebros navegantes, por exemplo.

O livro deverá interessar aos estudantes do ensino superior e professores em geral, especialmente aqueles com atuação ou interesse em Medicina, Ciência da Computação, Engenharia, Robótica, Matemática, Biologia e Filosofia, além de educação e áreas afins.

Mônica Estrázulas, licenciada em Física e doutora em Psicologia, docente do Departamento de Humanidades do Colégio de Aplicação-UFRGS

“Todo mundo considera essa a terra do futebol, mas pouca gente lá fora sabe que neste país também se faz Ciência”

ELISA BORTOLINI/JU

“Nossa escola deveria ser diferente”

Antes de falar para um grande número de professores de escolas públicas de Porto Alegre que compareceram ao Salão de Atos da UFRGS para ouvir sobre suas experiências e seu novo livro durante mais uma edição do Fronteiras Educação, Miguel Nicolelis deu uma entrevista exclusiva ao JU. Falou de Ciência e de Educação.

JORNAL DA UNIVERSIDADE – Ao falar do seu livro *Muito além do nosso eu*, o senhor afirma que agora podemos ter esperança quanto ao futuro. Esperança?

NICOLELIS – Sim, esperança porque, quando você começa a criar uma aplicação médica clínica, você nunca sabe no começo se vai dar certo, e a gente conseguiu agora, nos últimos 12 meses, resultados que mostram que a chance de funcionar em seres humanos é muito grande. Por exemplo: transmitir sinais sem fios, o que acabou de ser implementado no laboratório nos últimos 60 dias; a possibilidade de demonstrar que os nossos animais conseguem dialogar com um artefato sem a interferência do corpo, mandando sinais elétricos para fazer o aparelho robótico se movimentar e recebendo feedback sensorial desse artefato diretamente do cérebro.

Vocês têm por meta apresentar o primeiro protótipo na abertura da COPA 2014. Como estão as tratativas com o governo federal para viabilizar esse desejo?

Em março deste ano apresentamos o projeto aos ministros de Ciência e Tecnologia e da Educação. Ambos aceitaram a proposta. Devo voltar a Brasília em alguns dias; espero poder conversar com a presidente, que é quem pode bater o martelo. Está tudo pronto para ser anunciado ao mundo inteiro. Já estamos construindo a veste robótica que será o primeiro protótipo daquela que vamos usar em testes com primatas. Ou seja, na parte científica, estamos indo adiante como o planejado. Esse projeto visa acelerar a primeira aplicação clínica, que congrega um consórcio multinacional de pesquisadores de neurociência e robótica – Duke University, de Durham, Estados Unidos, o Instituto de Natal, a Universidade Tecnológica de Munique e a Escola Politécnica Federal de Lausanne, da Suíça.

Qual seriam os resultados para o Brasil dessa aparição?

Seria algo emblemático. No país do futebol, você abrir a Copa do Mundo com um feito científico que pode trazer benefícios para a humanidade inteira, isso seria uma mudança... Todo mundo sabe que essa é a terra do futebol, mas pouca gente lá fora sabe que neste país também se faz Ciência. Seria uma forma de demonstrar para o mundo que existe um Brasil que poucas pessoas conhecem.

Não seria uma forma de o próprio brasileiro ver-se de modo diferente?

Sim, também. Para a autoestima do povo e para o jovem, especialmente. Deveríamos conversar sobre Ciência nos botecos como se discute futebol. É a única forma de a gente se transformar numa potência científica.

O senhor está aqui para falar a professores de escolas públicas do estado. Qual a particularidade desse encontro?

Nunca dei uma palestra igual a outra

na minha vida; nunca sai da minha cabeça do mesmo jeito, e este também é um público meio diferente. Quando me apresentei na abertura do Fronteiras de 2010, era um público bem restrito. As pessoas que vão estar aqui hoje nunca ouviram esse tipo de palestra ou sobre Ciência. Geralmente, quando se fala a professores, você está falando com os alunos deles também porque, eventualmente, isso chegará aos alunos. Na quinta-feira passada, estive na Câmara Estadual de Educação de São Paulo e minha palestra foi transmitida pela internet para 300 mil professores no Brasil todo. Então, não dá nem pra medir a extensão desse trabalho. São professores que raramente têm a chance de ouvir uma palestra científica. Por mais paradoxal que isso possa soar, essa é a realidade do Brasil. Eles mal podem ter um livro-texto, então a chance de dialogar com professores é muito prazerosa, e eu espero que para eles também o seja. Eles vão ter uma ideia do que é, neste instante, a fronteira da neurociência.

É recorrente o comentário de que lugar de criança é na escola. O senhor diria que lugar de criança também é no laboratório?

Na realidade, a nossa escola deveria ser diferente, não é mesmo? Deveria conter laboratórios, mas não laboratórios que ficam trancados, em que não se pode entrar, pois as pessoas têm medo de usar porque pode quebrar. A escola que estamos criando, por exemplo, em Natal, em Macaíba, em nosso Câmpus do Cérebro, é muito diferente de tudo isso. As crianças mexem em tudo. Nós temos 400 alunos na Bahia. No Rio Grande do Norte, temos mil, e estamos concluindo uma escola que vai estar pronta em dezembro, para 5 mil crianças. Vai ser a maior do Nordeste e a primeira escola brasileira em tempo integral. Ela já começou no nosso Centro de Saúde Materno Infantil Anita Garibaldi, porque nosso conceito de educação começa no pré-natal da mãe. Já temos 16 mil mães que foram catalogadas e fizeram o pré-natal conosco. E a última turma que está fazendo o pré-natal neste momento é dos nossos primeiros alunos do ano que vem. São 14.000m2 de laboratórios e espaços amplos para a descoberta científica.

Professor, qual é o registro que vem sendo feito desse trabalho de vocês?

A experiência de Natal foi matéria de capa da Science, que é a maior revista de Ciência do mundo. Saiu também nas televisões suíça e francesa, e já foram feitos três documentários. Mas acho que vão fazer registros maiores, porque a dimensão do projeto é algo em que a gente não acredita aqui. Cada vez que eu conto, as pessoas pensam que estou fazendo lorota. A revista Brasileiros publicou uma matéria muito bacana, de umas vinte e poucas páginas.

O que é o Câmpus do Cérebro?

Nós estamos neste instante construindo o Câmpus do Cérebro, que é a segunda fase do projeto. Mas a terceira é construir uma cidade, um distrito chamado Cidade do Cérebro, que está começando agora. Estou iniciando os primeiros contatos para viabilizá-la economicamente. É um investimento de dois bilhões de dólares – o maior investimento científico do Brasil a longo prazo neste instante. E é privado, tem parcerias



com o governo federal, mas é uma Oscip (organização da sociedade civil de interesse público) – uma entidade sem fins lucrativos, mas privada.

Quando o senhor define a neurociência do século XXI, diz que ela teria que se desfazer de alguns dogmas. Quais seriam?

É muito simples, o cérebro do século XX era um cérebro estático, espacial. Nós estudávamos a localização espacial das funções. Isso aqui era visual, aquilo era tátil, isso era motor, etc. – era essa a visão. Não havia tempo, não havia dinâmica. E o cérebro do século XXI é espaço-temporal. Eu proponho isto no livro: uma visão relativista. É como você fazer uma mudança da física newtoniana para a física do Einstein. Você adiciona a dimensão do tempo, e o cérebro passa a ter um ponto de vista, porque ele tem um ponto de vista sempre. Isso foi completamente ignorado no século XX. O cérebro era um agente decodificador passivo de informação, em que o tempo não existia. O tempo não fazia parte da maquinaria cerebral.

O que é esse brainet?

É uma especulação num futuro muito remoto, dado o que estamos aprendendo hoje. Se você fizer uma extrapolação dessas ideias que hoje conseguimos demonstrar, muito provavelmente – daqui a algumas centenas de anos – nós vamos ter a capacidade de transmitir nossos pensamentos e nos comunicarmos com tecnologias que vão ler a atividade do cé-

rebro e transmitir para outros indivíduos e criar uma rede de comunicação só pelo pensamento. É factível imaginarmos a nossa espécie evoluir para esse tipo de canal alternativo de comunicação que vai ser, como o título do livro sugere [*Muito além do nosso eu*], muito mais amplo do que o limite físico da nossa capacidade de vocalização ou de usar o corpo para interagir com máquinas. Evidentemente que a gente tem de ter tecnologias para várias coisas que nem foram inventadas ainda, e eu acho que isso até não é o grande impedimento, pois a possibilidade teórica já foi formulada. Temos experimentos em nosso laboratório tentando demonstrar uma comunicação cérebro a cérebro incipiente entre ratos, conectando os dois cérebros e transmitindo informação entre um e outro para ver como os animais reagem.

“Seremos substituídos por robôs” é uma afirmação da qual o senhor discorda. Pode comentar?

Isso é uma teoria chamada *singularity*, que surgiu nos Estados Unidos com um futurólogo que conheço bem, John Carswell, que é um cara inteligente, mas que nessa pisou no tomate, porque a reprodução do sistema nervoso humano numa máquina é uma impossibilidade científica pela forma como o sistema evoluiu. O processo evolutivo que criou isso aqui [aponta para a cabeça] jamais vai ser reproduzido num computador, e as propriedades emergentes no cérebro que conferem a nós o que a gente chama de natureza humana não podem

ser reduzidas a algoritmos. Então, não existe inteligência de máquinas que possa reproduzir a nossa inteligência humana. É a mesma coisa na Teoria do Tudo, recentemente publicada em novo livro por Stephen Hawking (*Uma nova história do tempo*), no qual ele volta atrás. Há dez anos [1988], Hawking escreveu *Breve história do tempo*, dizendo que nós íamos ter uma teoria de tudo, que explicasse tudo – ele é um matemático. Agora, voltou atrás dizendo que isso é uma impossibilidade. Existe uma visão ideológica por trás disso de tentar dizer que seres humanos são substituíveis. É uma visão desses futurólogos e de algumas empresas da área de computação que creem que o ser humano é uma máquina. Cientificamente isso é tudo balela. Estou inclusive propondo um artigo para a *Scientific American* em que eu e um matemático-filósofo suíço mostramos que é charlatanismo científico propor que a substituição do ser humano pode ocorrer nesse nível. Eu estava numa reunião na Suíça, há duas semanas, participando de uma conferência com um dos pais da inteligência artificial, e ele foi muito categórico em dizer: “Se eu colocar uma chave no meu bolso e quiser que o mais moderno robô do mundo vá lá e reconheça qual é a chave de casa, misturada a outras chaves – algo que uma criança de dois anos reconhece instantaneamente –, isso o robô não consegue fazer. E se ele não consegue fazer isso – o ponto dele [do cientista] foi este: “Como é que a gente vai algum dia substituir Shakespeare?”

Luta por direitos humanos

Shirin Ebadi Nobel da Paz iraniana denuncia abusos em seu país

Shirin Ebadi é a principal ativista de direitos humanos de um país cujo governo ditatorial os ignora: o Irã. Ela foi a primeira juíza iraniana, mas perdeu esse posto após a Revolução Islâmica, em 1979. Abriu, então, um escritório de advocacia e se tornou defensora de causas ligadas aos direitos humanos. Em 2003, recebeu o Nobel da paz por seus esforços a favor da democracia, em especial, por sua luta pelos direitos de mulheres e crianças, conforme frisaram os organizadores do prêmio. Foi a primeira mulher muçulmana e a primeira pessoa iraniana a conquistar essa distinção.

Desde 2009, ano da contestada reeleição de Mahmoud Ahmadinejad para a presidência, que desencadeou a repressão do regime a seus opositores, Ebadi vive no exílio. Sua forma de protesto contra o governo é alertar, em outros países, para o desrespeito aos direitos fundamentais dos iranianos. A ativista esteve em Porto Alegre em 13 de junho para participar do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento. Na capital, deixou clara sua posição enquanto opositora ao regime iraniano: “Não faço parte de nenhum grupo ou partido político. Sou defensora dos direitos humanos”, afirmou.

Ela começou sua palestra lembrando o período anterior à Revolução Islâmica, de 1979, quando o país era governado pelo xá Mohammad Pahlavi, a quem chamou de “ditador americano” – ele era aliado dos EUA. Uma revolta popular liderada pelo aiatolá Khomeini derrubou-o do poder, dando fim à monarquia e implementando uma república islâmica. Instaurou-se no país um regime de complexa estrutura hierárquica, em que o Líder Supremo é a figura mais importante em termos religiosos e políticos – acima do presidente eleito.

Na opinião de Shirin Ebadi, a saída de um ditador não é suficiente para determinar o sucesso de uma revolução. “Em lugar do ditador deposto, é preciso democracia”, disse ela. Ou seja, de nada adianta que acabe o regime de um autocrata se este for substituído por outro governante autoritário.

A Nobel citou uma série de leis discriminatórias, implementadas após 1979. Para efeitos legais, o valor da vida de um homem é duas vezes superior ao da vida de uma mulher. Assim, o testemunho de uma mulher vale metade do de um homem. Eles podem se casar com até quatro esposas e se divorciar sem justificativa; elas dificilmente conseguem encerrar um casamento.

O centro do argumento apresentado pela ativista para rejeitar essas políticas discriminatórias é que elas não condizem com a posição que as mulheres ocupam na sociedade iraniana. De acordo com Ebadi, 65% dos universitários do país persa são mulheres, e muitas se tornam professoras. Lá, elas ganharam direito ao voto há quase 50 anos – “antes da Suíça”, destacou – e mesmo hoje mantêm presença no parlamento.

A discriminação institucionalizada não se restringe às mulheres. A ativista afirmou que a lei prevê penas diferentes para o mesmo crime conforme a religião da pessoa responsável por ele – um

muçulmano receberá condenação mais branda do que adeptos de outra religião. Isso se agrava no caso da perseguição aos seguidores da fé Bahá’í – religião independente que sequer é reconhecida, disse Ebadi.

Conforme dados da ONG Anistia Internacional, o Irã foi, em 2010, o segundo país com o maior número de execuções – atrás apenas da China. A Nobel mencionou a ausência de liberdade de expressão em seu país de origem. “O Irã se tornou uma grande prisão para jornalistas”, afirmou a ativista, citando a organização Repórteres Sem Fronteiras, que denuncia a perseguição aos profissionais da imprensa.

Opressão – Quem for condenado pelo sistema judiciário do Irã está sujeito a penas bárbaras, como decepamento da mão e morte por apedrejamento. Ebadi ressalta que, quando se aponta o absurdo dessas penas, os clérigos iranianos alegam que elas estão previstas na Sharia (lei islâmica) e que, portanto, não seria possível mudá-las. Mas ela argumenta que, na verdade, trata-se de uma “interpretação errada” da lei e cita o pensamento do aiatolá dissidente Hussein Ali Montazeri: “Este não é um governo islâmico e, sim, um que pratica tirania e opressão em nome do Islã”. “Apenas Irã e Arábia Saudita mantêm essas condenações”, destacou Ebadi.

Segundo ela, a maior parte do povo iraniano quer o fim do regime islâmico e a separação entre Igreja e Estado. Shirin Ebadi acredita que a democracia será implementada no Irã como consequência de protestos populares. Isso acontecerá por meio de manifestações pacíficas, em clima de reconciliação: “O povo está preparado para morrer e ser preso, mas não irá levantar armas para combater a violência do governo”, garantiu a ativista.

O Irã vive hoje uma situação de instabilidade. O país está em crise econômica e, de acordo com informações oficiais, tem 13,5% de desemprego. “A população está em conflito com o governo, e este está tendo diferenças entre si”, reiterou a ativista, referindo-se a uma disputa recente entre o presidente Mahmoud Ahmadinejad, de um lado, e o Líder Supremo e alguns membros do Parlamento, de outro.

Shirin Ebadi destacou que, quando se cobra do governo iraniano o fim das violações aos direitos humanos, este responde acusando Estados Unidos e Israel, e alega que o problema existe em todos os lugares. “Isso é verdade”, afirmou. “Nunca vamos esquecer a Guerra do Iraque, em que um milhão de civis foram mortos. Sabemos que Israel desrespeita os direitos dos palestinos. Não esqueçamos do assassinato de estudantes na China. Mas a violação de direitos humanos em um país não justifica que isso se repita em outro.”

Para Ebadi, o governo iraniano se equivoca quando afirma que este é um assunto interno que não diz respeito a ninguém. “Os direitos humanos são um tema internacional”, sustenta. Ela ressaltou que é contra a intervenção direta de outros países no Irã: “A ajuda deve ser feita pela ONU”. Em sua visão,



Para a ativista, o governo do Irã pratica a tirania e a opressão em nome do Islã

deve haver pressão internacional contra o regime por conta do desrespeito aos direitos de seus cidadãos, mas dar fim à opressão é uma tarefa do povo iraniano.

Nem para o inferno – Mesmo em uma conferência de tema tão difícil, Shirin Ebadi conseguiu arrancar risadas da plateia ao lembrar um episódio de quando era professora universitária no Irã: os alunos, desanimados, afirmavam não dispor de nenhuma liberdade. Ela tentou animá-los, citando alguns direitos conquistados, mas um estudante encerrou a discussão: “Em um país com governo religioso, não temos liberdade nem de ir para o inferno”.

No fim da conferência, Ebadi teve de responder a uma pergunta pouco inspirada que se baseava na superada teoria de que democracia e Islã seriam incompatíveis – e afirmava ser Israel o único país da região em que há liberdade de expressão –, questionando se a “ocidentalização” do Oriente Médio não causaria uma perda de identidade islâmica. Ela ressaltou que países muçulmanos como Indonésia e Malásia não estão em situação comparável à da Síria ou à do Irã. Também afirmou não acreditar na existência de liberdade de expressão em Israel porque “os palestinos não podem falar o que querem” sobre os abusos a que são submetidos.

Sobre a última parte do questionamento, reagiu: “O que vocês entendem por ‘ocidentalização’? Falo de direitos humanos, e não de McDonald’s. Os direitos humanos são um padrão internacional que não tem relação com Estados Unidos ou o Ocidente e devem ser respeitados em todo o mundo. Isso não significa ocidentalização”, concluiu, para o aplauso final da plateia do Salão de Atos.

João Flores da Cunha, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

O encontro com Dilma que não houve

A visita de Shirin Ebadi ao Brasil gerou mais repercussão pela recusa da presidente Dilma Rousseff de encontrar-se com ela do que por suas denúncias de violações de direitos humanos no Irã. A ativista esteve em Brasília e participou de audiência pública na Câmara dos Deputados. O Planalto ofereceu uma reunião com Marco Aurélio Garcia, assessor da presidência para a política externa, mas Shirin Ebadi não aceitou o convite – por falta de tempo, segundo ela.

A justificativa oficial foi a de que a presidente recebe chefes de Estado e de governo e, dependendo da agenda, outras personalidades estrangeiras. Por exemplo: encontrou-se com a cantora colombiana Shakira, em março.

De acordo com a percepção geral, a recusa foi um ato político pensado para não desagradar o governo do Irã, país com o qual o Brasil mantém crescente relação comercial. No fim do segundo mandato de Lula, houve aproximação política entre as duas nações. Em 2009, o então presidente se aproximou de Mahmoud Ahmadinejad, seu equivalente iraniano, no momento em que este se isolava cada vez mais das potências ocidentais tanto pelo programa nuclear quanto pela repressão brutal que impôs aos que protestaram contra o resultado das eleições que venceu em junho daquele ano.

Na entrevista coletiva que concedeu em Porto Alegre, Shirin Ebadi não demonstrou decepção com o fato. Ela reiterou diversas vezes que veio ao Brasil transmitir para Dilma “a mensagem de amizade e agradecimento do povo do Irã” pela mudança “desde 2010”, quando passou “a votar a favor do povo, e não do governo do Irã”. “Como o encontro não aconteceu, peço que vocês [jornalistas] transmitam essa

mensagem”, disse. A Nobel afirmou ainda que “governos vão e vêm, mas as pessoas permanecem”.

Em 2011, o Brasil votou no Conselho de Direitos Humanos da ONU pelo envio de um relator especial para o Irã. Foi a primeira vez em anos que o país se posicionou contra o Irã nas Nações Unidas. Esse é o marco do que tem sido considerada uma mudança na linha da política externa brasileira para o país persa: com Dilma no poder, a convivência com as violações aos direitos humanos teria chegado ao fim. A referência de Shirin Ebadi ao ano passado indica o sucesso que o Brasil obteve em seus esforços pela libertação de presos políticos. A iraniana citou ainda o caso repercutido mundialmente de Sakineh Ashtiani, que, acusada de adultério, foi condenada à morte por apedrejamento. Ela continua presa, mas a sentença foi adiada – por pressão internacional, segundo Ebadi.

Se havia ficado algum ressentimento em relação ao governo brasileiro, isso desapareceu com a vinda a Porto Alegre da ministra dos Direitos Humanos, Maria do Rosário. Em um encontro reservado na recepção que a Universidade fez à iraniana, a ministra transmitiu “um abraço de uma lutadora, Dilma, a outra”. Fez elogios à sua trajetória, manifestou “apreço” por sua causa e garantiu que o Brasil compreende os direitos humanos como uma unidade entre povos, e não governos.

Shirin Ebadi não escondeu sua satisfação ao ouvir as palavras e agradeceu. Mais tarde, na conferência, quando perguntada sobre o fato de não ter sido recebida pela presidente, referiu-se a Maria do Rosário, dizendo: “Estou feliz que a ministra possa transmitir para Dilma a mensagem de agradecimento do povo do Irã”.



Pesquisa genética desvenda intolerância à lactose

Saúde Hospital de Clínicas realiza exame que detecta mutação em pessoas tolerantes aos laticínios

Caroline da Silva

Há nove mil anos, nossos ancestrais ingeriam apenas leite materno, e nos primeiros anos de vida. A implementação do leite de animais na alimentação humana foi ocorrer somente após a domesticação do gado. A partir daí, ocorreu uma mutação no *Homo sapiens*, a fim de que o organismo pudesse “tolerar” essa substância nova ao sistema digestivo, significando uma vantagem seletiva. Em época de condições naturais adversas, quando caçar e pescar era difícil e o que era plantado não vingava, sobreviviam e conseguiam reproduzir-se aqueles que tinham animais domesticados e podiam usar o líquido branco como alimento.

Essa história é retomada pela médica gastroenterologista Themis Reverbel da Silveira, docente aposentada da UFRGS e professora colaboradora da Pós-graduação em Medicina, e por Ursula Matte, bióloga pesquisadora do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Assim, elas explicam a origem da descoberta de que as pessoas intolerantes à lactose são, na verdade, aquelas que não têm essa mutação genética. Baseadas na publicação do estudo de um grupo finlandês em 2002, as duas desenvolveram um teste genético no HCPA dois anos depois para confirmar o diagnóstico da intolerância sem os desconfortos dos outros exames existentes no mercado.

Lactose e lactase – A lactose é o açúcar do leite. “Durante muito tempo não se sabia por que havia a intolerância à esse elemento. Conhecíamos a enzima que degrada a lactose no intestino, chamada lactase, mas não havia como detectar a mutação no gene das pessoas tolerantes”, conta Ursula. “Eu e a Ursula montamos um teste inédito, no Brasil, que avalia a intolerância à lactose por uma amostra de sangue, por causa da genética... Tudo é genética. É uma alegria, pois tu colhes 5 ml de sangue e está pronto”, conta a professora Themis.

Até então, havia dois tipos de exame utilizados para diagnosticar quem tinha má absorção da substância: o do hidrogênio expirado (medido em intervalos regulares, através do sopro, para verificar se houve produção além da pequena quantidade normal, indicando dessa forma gases resultantes da fermentação da lactose não digerida) e o da curva de lactose mediante coletas de sangue (três, de meia em meia hora, no laboratório). Os dois são feitos com a ingestão de sobrecarga de lactose, deixando os pacientes à mercê de sintomas como náuseas, gases, vômitos e diarreias.

Pesquisadores da Finlândia acharam duas mutações que ficam na região promotora do gene LCT, determinando a persistência da enzima lactase. “Habitualmente, pensamos que quem tem uma mutação tem uma desvantagem. Nesse caso, não”, narra Ursula. “Os pesquisadores finlandeses demonstraram que essa mutação ocorreu há mais ou menos 9 mil anos, o que coincide com a época da domesticação de animais. E essa vantagem é seletiva para quem tem a mutação. Assim, a frequência de pessoas com a mutação aumenta. Isso é parte da evolução da nossa espécie. Nas regiões de clima frio, essa mudança teve mais impacto. Nesses locais, os indivíduos com a persistência da enzima representaram até 80% da população. Socialmente, importamos o hábito de comer alimentos à base de leite, o que faz com que muitos pensem que têm uma doença porque



Mutação de seres humanos começou a ocorrer como vantagem seletiva após domesticação dos animais

não digerem a lactose. Na verdade, elas têm o padrão normal”, continua a bióloga do Hospital de Clínicas.

Análise molecular – Uma vez descoberta a mutação, foi possível criar o teste molecular para determinar quem eram as pessoas tolerantes e as intolerantes. Segundo Ursula, o exame foi desenvolvido como parte de uma dissertação de mestrado no período entre 2004 e 2006. A Análise Molecular de Hipolactasia Primária do tipo adulto é realizada pelo Laboratório Experimental de Hepatologia e Gastroenterologia, coordenado por Themis até hoje.

Com mestrado e doutorado em Genética e Biologia Molecular pela UFRGS, a bióloga conta que a ideia era implantar em Porto Alegre um teste pelo qual se poderia ver diretamente a presença ou a ausência da mutação, substituindo o teste da má absorção. Baseado em PCR (reação em cadeia da polimerase), é feita a coleta de sangue. A seguir, o DNA é extraído e a parte em que está a mutação é amplificada. “Apesar de esse exame ser bem mais simples, são poucos os profissionais que o requisitam em primeiro lugar”, comenta Ursula.

A fotógrafa de 21 anos Likah Freitas é um exemplo desse processo. Apesar de ter o conhecimento do teste realizado pelo HCPA, a estudante de Jornalismo da PUCRS acabou fazendo o exame de curva de lactose: “Tem que estar de jejum e retirar sangue, além de beber um composto de lactose. Bem chato de fazer!”. Ela foi diagnosticada em 2006. “Comecei a desconfiar quando percebi que meu corpo ficava inchado, tinha coceira e sentia náusea. Resolvi investigar, pois minha alimentação já era restrita. Antes de 2005, eu consumia leite. Mas quando me tornei vegana [não ingere alimento de origem animal], fui abolindo aos poucos os alimentos derivados de animais, e nessa troca alimentar entre o vegetarianismo e o veganismo apareceu a alergia.”

O desafio da alimentação saudável

“Somos o único animal que continua tomando leite após o desmame”, diz a professora e gastroenterologista Themis Reverbel da Silveira. Sobre a necessidade da ingestão do líquido, a bióloga e doutora em Genética Ursula Matte é mais cautelosa, afirmando que é melhor consultar uma nutricionista. E, acerca da preocupação das mulheres na menopausa com relação à osteoporose, ela lembra que a expectativa de vida feminina antes da ocorrência da mutação, possibilitando a persistência da enzima lactase, era bem diferente da de hoje.

Tanto que, quando Likah Freitas foi diagnosticada portadora da intolerância à lactose, precisou tomar providências. Depois dos sintomas iniciais, consultou um endocrinologista, um gastroenterologista e um alergista. “Fiz teste de curva de lactose e de intolerância ao glúten. Os exames deram positivo para intolerância à lactose e, por tabela, descobri que tinha uma leve intolerância ao glúten (proteína derivada das farinhas de trigo, centeio, aveia, cevada).” Como a fotógrafa é vegana, os médicos deram orientações rígidas e focadas na ingestão de cálcio. “Então, bebo leite de soja, procuro

alguns legumes que tenham cálcio e uso um composto de B12 + vitamina D, além de cápsulas de cálcio uma vez ao dia”, relata. A moça de 21 anos diz que existe, sim, a preocupação com a osteoporose, por isso há o controle da ingestão de cálcio como forma de prevenção.

Likah não considera a intolerância uma doença: “Já me acostumei! Na verdade, não gosto de beber leite. Acho que o mais chato é ter que ficar lendo rótulos de produtos e cuidando quanto de cálcio consumi por dia”. A pesquisadora Ursula comenta que é comum ouvir relatos de pessoas com má absorção de lactose afirmando não gostar de tomar leite. “Provavelmente, porque tiveram os sintomas desconfortáveis e pararam de ingerir-lo.”

A alimentação de Likah tem muita verdura, sementes, proteína de soja, frutas, suco e água. “Não gosto de alimentos industrializados,

gosto muito de comprar coisas ‘vivas’, coloridas e frescas. Acho que o mais chato é o leite de soja, que não tem um gosto agradável.” Segundo a garota, a capital é um dos locais em que é fácil encontrar estabelecimentos que vendam produtos sem lactose e restaurantes e cafés que elaborem pratos sem o açúcar do leite.

Pela opção alimentar de Likah, os médicos não precisaram receitar o Lactaid de pronto. Esse suplemento alimentar com grande concentração de lactase é uma saída para pacientes com má absorção de lactose que costumam fazer as refeições fora de casa, sem ter certeza da composição dos pratos. É um produto que ainda não é fabricado no Brasil e que nos Estados Unidos tem um preço bastante acessível, mas é preciso ter meios de importá-lo. A professora Themis garante que hoje se pode até fazer um leite condensado doméstico sem lactose, afirmando ser possível manter tranquilamente a alimentação sem os laticínios, não sendo imprescindível incluir o Lactaid na alimentação.



Convênios de saúde ainda sem cobertura ao teste

O teste molecular que detecta a mutação no gene LCT, identificando a tolerância à lactose, ainda não tem cobertura de nenhum convênio de saúde. Ele custa R\$ 120 e é realizado pelo Laboratório Experimental de Hepatologia e Gastroenterologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Atualmente,

são aceitos pedidos de análise do interior do estado e até mesmo de centros de outras partes do país. A coleta de sangue é feita no Setor de Convênios, no 2.º andar do HCPA. Para a análise ser realizada, é preciso ter a requisição de um médico. O telefone do setor de convênios é (51) 3359-8855.

Para acessar mais informações sobre o tema: www.sem lactose.com.



Uma vida pela arte

Christina Balbão
A professora do Instituto de Artes que foi uma incentivadora da produção artística

Everton Cardoso

“Quando chove, é porque os anjinhos estão lavando o céu. Quando troveja, é porque estão arrastando a mobília.” Com a história infantil do livro escrito em alemão que só aparecia quando uma criança ficava doente, Glécia Oliveira relembra um traço marcante da tia, a artista e professora do Instituto de Artes Christina Balbão: o carinho com os sobrinhos. A casa número 513 da rua Fernando Machado, no centro de Porto Alegre, em frente à escadaria que leva à Duque de Caxias, onde morou desde que nasceu até sua morte aos 90 anos, foi a residência e o ateliê de uma das presenças mais constantes na cena cultural porto-alegrense. Diz-se que não perdia um concerto ou vernissage que acontecesse na cidade.

“A última atividade dela foi um evento no Theatro São Pedro. Mas quando desceu do ônibus, em frente à sua casa, caiu e fraturou o fêmur. Fez uma cirurgia e não se recuperou mais”, conta Glécia sobre a tia, que era a incentivadora cultural da família Balbão. O gosto pela cultura provavelmente deve-se ao ambiente familiar em que Christina cresceu. Mais moça de três irmãos, era filha do carpinteiro descendente de portugueses Antônio Martins Balbão e da chapeleira alemã Emília Helfensteller. “Tinha uma cômoda, na entrada da casa, feita pelo meu avô. Dizem que ele derrubou a árvore, preparou a madeira e fez o móvel. A minha avó fazia chapéus. Vinham moças do interior para aprender o ofício com ela”, recorda a sobrinha que, levada pela tia, começou a frequentar a vida cultural da cidade desde cedo. “A Christina era dezessete anos mais velha que eu e gostava muito de ir aos concertos. Mas meu avô não queria que ela andasse sozinha à noite. Eu então a acompanhava. Sempre passávamos pela casa da Alice Soares, amiga da minha tia, na rua Marechal Floriano, e ela ia conosco”, rememora.

Christina Balbão, antes da trajetória como professora de desenho, lecionava no Grupo Escolar Fernando Gomes. No começo, dedicou-se à pintura. Mais tarde, começou a esculpir. “Uma vez ela resolveu fazer um quadro retratando a mim e a minha irmã. Havia um lugar em que tínhamos de posar, mas as duas juntas não dava! Por isso, ela pegava uma e depois a outra. Tínhamos de ficar sentadas quietinhas para ela poder desenhar. Aquilo era uma tortura! De vez em quando, ela dava uma folguinha”, diverte-se Glécia. O percurso pelas formas artísticas, lembrado pela sobrinha, mostra a passagem de Christina como aluna do IA; primeiro graduou-se em pintura e depois em escultura.

A memória dos familiares a respeito da professora de desenho é bastante carinhosa. Glécia guarda a imagem de uma Christina que define como discreta: “Com os adultos, ela era reservada, mas com as crianças, tinha muito jeito. Sempre colocava um disco, pegava um tambor para tocar e dançar”. O sobrinho-neto Paulo Roberto Oliveira, filho de Glécia, tem na doçura, na singularidade e no incentivo de Christina as recordações mais vivas. “Ela mantinha um estilo de vida um pouco diferente: a tia não possuía televisão. Uma lembrança agradável que eu tenho da minha infância é ela fazendo panquecas no fogão a lenha para mim e para as minhas irmãs”, relembra.

Referência em cultura – Quando jovem, Paulo Roberto ensaiou alguns passos nas artes plásticas. Chegou a ser ilustrador do extinto jornal *Diário de Notícias*. A tia-avó sempre manteve uma atitude



Autorretrato da artista na casa em que morou, na rua Fernando Machado

FLÁVIO DUTRA/JU

reticente em relação à produção do sobrinho-neto. Parecia querer dissuadi-lo dessas pretensões e levá-lo à sua futura carreira como músico. “Nos meus aniversários, ela sempre me dava um instrumento musical, talvez já pressentindo isso. Quando eu era criança, ia até o ateliê dela, e ela me dava papel para desenhar, argila para modelar e ao mesmo tempo colocava discos com músicas da Índia, dos Andes”, recorda.

Numa época em que o contato com outras culturas ainda era restrito pela inexistência das tecnologias hoje disponíveis, Christina desempenhou esse papel de portadora do conhecimento que adquiria em suas viagens e em sua vivência. Paulo enfatiza que a tia-avó era uma pessoa muito generosa com todos: “Para as pessoas que tiveram contato com ela, sempre ofereceu a visão de mundo, o conhecimento que tinha”. O músico, que atualmente se dedica à música instrumental, conta que, quando se mudou para São Paulo, passou a receber da tia-avó atualizações sobre o que ela experimentava em termos de cultura: uma vez por mês ela enviava uma correspondência com os programas de exposições, concertos, espetáculos musicais que tinha visto, com alguns comentários.

Relação semelhante tinha o escultor Luis Gonzaga, que conheceu Christina Balbão antes mesmo de ele vir morar em Porto Alegre. “Eu fazia uns desenhinhos lá em Júlio de Castilhos. Em 1961, um parente meu me mandou trazer uns trabalhos para mostrar ao Iberê Camargo que estava aqui para uma exposição. Como a Christina trabalhava no MARGS, que funcionava no foyer do Theatro São Pedro, estava por lá. Conversamos bastante naquela noite”, relembra com nostalgia. Ambos voltaram a se encontrar quando o jovem Gonzaga veio fazer vestibular para entrar no Instituto de Artes. O reencontro aconteceu no saguão do edifício que abriga a instituição. “A senhora por aqui?”, perguntou o aspirante a aluno. “Pois é”, respondeu a sempre lacônica Christina, sem contar-lhe que era professora ali. A amizade se estreitou ao ponto de Gonzaga frequentar a casa da professora todos os sábados à tarde em reuniões com algumas outras poucas pessoas próximas.

“Famos aos encontros, e ela sempre tinha alguma coisa para obsequiar. No verão, sorvete ou suco de uva – que ela fazia muito bem. E a conversa era universal: falava-se de tudo: teatro, música...”, conta. Por essa razão, o escultor considera que a professora e artista lhe abriu as portas para um mundo desconhecido, pois era muito culta. “Ela não tinha esse ranço que certas pessoas têm porque são de determinada área. Gostava tanto da música erudita quanto da música popular, e também das coisas feitas por artesãos. Era uma pessoa de um conhecimento e de um respeito muito grande pelo ser humano”, recorda a partir da convivência de 44 anos de amizade com a professora, que considerava uma mestra.

Artista reclusa

Christina Balbão teve uma produção artística que ficou quase restrita à intimidade. Apesar de ter produzido pinturas, desenhos e esculturas, pareceu jamais ter a intenção de dedicar-se à carreira de artista. De acordo com o sobrinho-neto Paulo, a professora gostava mesmo era de fazer esboços do que via, principalmente em suas viagens, mas sem pretensões de expor. “Havia uma feira livre na frente da casa dela e, uma vez, ela encontrou um homem que deve ter-lhe parecido um tipo humano interessante, então ela o convidou para entrar e fez alguns esboços. Depois, modelou a cabeça, talvez por ter gostado dos traços do rosto”, relata.

Ao comprar a casa herdada pelos sobrinhos, o galerista e antiquário André Guarisse encontrou várias obras produzidas por Christina e que demonstram o quanto ela era reservada à intimidade de sua produção artística. Detrás da pesada cômoda feita pelo pai da artista, André achou alguns desenhos. A grande surpresa foi porque Glécia e sua irmã haviam passado as tardes na casa durante quatro meses no intento de recolher os trabalhos e objetos da tia para guardá-los. “A casa não tinha manutenção havia muitos anos e lá estava muita coisa ainda da chapeleira da minha avó. Tinha sido construída em 1913; vai fazer cem anos. E só entravam coisas, nunca saía nada”, conta.

Ao analisar a trajetória de Christina Balbão, o professor do IA Paulo Gomes vê uma vocação quase religiosa numa artista que abdicou do próprio trabalho para dedicar-se à docência. “O material produzido por ela é espetacular. Era uma desenhista excepcional, uma pintora extremamente dotada e uma escultora também muito boa. Mas não quis fazer carreira, não sei por quê”, questiona-se. Para tentar fazer um registro a respeito da artista, Paulo Gomes e André Guarisse, associados ao artista e diretor do IA Alfredo Nicolaiewski, propuseram ao Fumproarte da Prefeitura de Porto Alegre um projeto de resgate da obra de Christina Balbão. A ideia é restaurar o acervo da artista e realizar uma exposição, além de publicar um livro com a reprodução desse material e um texto crítico. “Queremos que parte dessas obras seja distribuída pelas coleções públicas para constituir uma memória visual do trabalho da Christina”, acrescenta.

JU indica

O Mal Ronda a Terra

Tony Judt
Editora Objetiva
R\$ 30 (valor médio)



“Há algo de profundamente errado na maneira como vivemos hoje.” Assim começa essa obra de Tony Judt, de certa forma seu testamento intelectual

– foi o último livro publicado pelo historiador inglês, meses antes de sua morte, ocorrida no ano passado. Em 2008, ele havia sido diagnosticado com a doença de Lou Gehrig, uma enfermidade degenerativa que o paralisou, mas não o impediu de se expressar.

O Mal Ronda a Terra é marcado pela urgência – do autor, em publicar suas ideias, e nossa, em assumir a responsabilidade por salvar o mundo em que vivemos. Assim posto, corre-se o risco de fazer a obra parecer pretenciosa, mas se trata de um ensaio sobre o que está errado no mundo e, acima de tudo, sobre a nossa incapacidade de refletir sobre ele e corrigir seu rumo. Entramos em uma era de insegurança cuja consequência é o medo. O livro é uma tentativa de tornar mais lúcido o debate de ideias transformadoras da realidade.

Autor de uma monumental história da Europa no pós-guerra, Judt passou seus últimos anos lecionando nos Estados Unidos. Ele se dedica, no início da obra, a uma comparação entre o nível de vida naquele continente e neste país. Há uma série de indicadores sociais em que as nações europeias, baseadas no Estado de bem-estar social, superam amplamente a norte-americana. A teoria do autor é de que a desigualdade corrói as sociedades. Assim, os EUA, país mais rico do mundo e extremamente desigual, têm expectativa de vida “inferior à da Bósnia e ligeiramente superior à da Albânia”.

A supervalorização do indivíduo faz com que encontremos dificuldades para viver em coletivo, de acordo com o autor. Isso provoca, em última análise, um esvaziamento das políticas públicas de bem-estar social. Essa obra pode ser lida como um apelo para que voltemos a lutar por uma sociedade que se organize a partir da igualdade de oportunidades para todos os cidadãos. Por isso, acaba sendo também uma análise crítica da social-democracia, que é, segundo Judt, o melhor caminho para alcançar o progresso. A inação política de quem compartilha os mesmos ideais desse movimento é resultado da incapacidade dele de formular alternativas.

Judt aponta a necessidade de a esquerda se reposicionar no debate público: “Precisamos redescobrir como falar sobre mudança: como imaginar diferentes arranjos para nós, livres da cantilena perigosa da ‘revolução’”. O autor critica o fato de ele estar reduzido à economia – como se questões relativas à ética e à justiça tivessem deixado de ser importantes para a ação política. Isso causa a “indecência de definir o status cívico em função da situação econômica”.

Muito do que Tony Judt escreve tem a ver com noções como compromisso e responsabilidade. Quando critica as privatizações, ele o faz menos por considerá-las ineficientes do que por julgar que se trata do abandono, por parte do Estado, de suas atribuições. Em tempos de crise do Estado de bem-estar social e até da democracia representativa – como mostram os protestos na Espanha e na Grécia –, o livro de Judt é bem-vindo, pois nos ajuda a entender melhor o estado do mundo em que vivemos e como chegamos a ele. Mas se trata de obra que irá perdurar – tal como o trecho do poema, escrito em 1770, que lhe serve de epígrafe e de onde vem seu título: “O mal ronda a terra, presa de desgraças crescentes/Onde a riqueza acumula e vivem homens decadentes”. (João Flores da Cunha)

Morada redescoberta

Num conjunto de coincidências, a casa em que Christina Balbão nasceu e viveu tornou-se o espaço da oitava Bienal do Mercosul chamado de Casa M. No lugar em que a incentivadora vivera, agora se reúnem artistas e acontecem eventos relacionados à mostra. A reforma incluiu a execução de uma instalação paisagística no pátio dos fundos feita pelo artista Fernando Limberger. Sem que a curadoria da Bienal soubesse, o convite fora feito a um artista com uma ligação importante com a antiga proprietária da casa. Fernando foi seu aluno no IA e, em sua

primeira exposição, Christina comprou a primeira obra vendida por ele – uma escultura feita com caixas para goiabada de madeira e pintadas. “Muito da escolha da cor vermelha para a areia que compõe a paisagem que projetei tem a ver com a potência da dona Christina, pois ela tinha uma personalidade muito marcante”, conta Fernando sobre seu trabalho, que também incluiu um abacateiro que certamente era da época da antiga habitante do lugar. Satisfeitos com o resultado da reforma e o destino dado à casa com o uso pela Fundação Bienal do Mercosul, os

familiares de Christina Balbão veem ali a continuação do trabalho da professora e sempre incentivadora da cultura. O amigo Gonzaga, porém, ainda não teve coragem de visitar o espaço por medo de apagar a memória que tem, ainda que também acredite que a mestra estaria exultante com o destino da casa que nunca quis vender. Entre as recordações, ele lembra com certo carinho das despedidas ao final das reuniões de sábado: “Quando eu ia embora, subia a escadaria que fica bem em frente, e ela ficava na porta acenando. Era uma pessoa muito fina e educada”.



Vida de compositor

Música de concerto *A carreira é possível no Brasil se aliada à atuação como instrumentista ou à docência*

Everton Cardoso

Da janela do décimo quinto andar do edifício que fica nas cercanias da Praça Dom Feliciano, próximo ao viaduto Loureiro da Silva, no centro de Porto Alegre, três alunos da turma de primeiro semestre do curso de Música da UFRGS com ênfase em Composição admiram a paisagem da cidade. A manhã nublada e fria acentua ainda mais a cor cinza do concreto dos edifícios envelhecidos e causa certa admiração na sala que normalmente abriga aulas do Programa de Pós-graduação (PPG) em Música. Enquanto isso, uma estudante sentada na primeira fileira de cadeiras da plateia quase vazia afina seu trombone, à espera dos demais alunos que vão passar pelo exame de conclusão das disciplinas de Composição e dos professores que formarão a banca examinadora.

Iniciado o exame, os alunos vão, um a um, apresentando as peças musicais que desenvolveram durante a disciplina na qual iniciaram o aprendizado de composição. Ao final da performance, ouvem os comentários de seus professores a respeito do que ali foi tocado. Nas falas dos avaliadores, observações sobre a composição em si e também sobre o desempenho como instrumentistas. “Muita atenção às considerações que ouvirem; é como se fosse uma aula. Sugiro que vocês tomem nota, pois há muita coisa importante”, reforça o maestro e professor da primeira disciplina de Composição, Antônio Carlos Borges Cunha. Celso Loureiro Chaves, também professor da cadeira, por sua vez, ensina que é preciso aceitar riscos e ousar. Essas seriam, para ele, características indispensáveis à carreira musical.

Com a apresentação das peças compostas de próprio punho para os instrumentos que dominam, os graduandos em Composição encerram seu primeiro semestre na UFRGS. Em 2011, eles foram oito entre os 52 aprovados no vestibular para Música. A habilitação que escolheram foi, juntamente com a ênfase em Canto, a que teve maior número de ingressantes no bacharelado. Depois dessas, a mais procurada foi Piano, com seis alunos. As demais habilitações em que houve ingressos foram Contrabaixo, Viola, Violão, Violino, Violoncelo, Regência coral, Clarinete, Flauta transversa, Saxofone e Órgão de tubos – todas com de um a quatro estudantes.

Na turma de candidatas a compositor está Tomás Dornelles Piccinini, de 19 anos. O começo de sua trajetória se deu há 13 anos, quando iniciou seus estudos de violão com um tio. Depois de várias mudanças de rumos na adolescência – inclusive o abandono da música e uma incursão pelo curso de Engenharia Elétrica –, decidiu-se pela composição. Preparou-se durante um ano estudando piano e ingressou na Universidade sem muitos planos para sua carreira. “Ainda não tenho nenhuma pretensão concreta. Quero aprender tudo o que puder. Afinal, ser compositor é conhecer”, pondera.

Formação vasta – Conhecimento, de acordo com o professor Cunha, é condição para que um compositor contemporâneo não soe antiquado. “Hoje, é preciso uma formação sólida e ampla para que se consiga integrar os diferentes ingredientes, as diferentes fontes de inspiração sonora e de motivação estética disponíveis”, explica. De acordo com o pesquisador e regente, a combinação de elementos está entre as principais tarefas do compositor. Na Pós-modernidade, a cultura tornou-se o espaço da convivência de coisas que anteriormente estavam situadas em extremos opostos: o velho e o novo; o erudito e o popular; ou, como brinca o maestro, um tênis verde e uma gravata amarela.

Se no século XX, sobretudo no pós-guerra, a tendência era a renúncia à tradição e a busca pela criação de uma nova gramática musical, essa preferência pelas combinações demanda uma postura ‘inclusivista’ por parte do compositor. Ele deve estar aberto às influências múltiplas que tem à sua disposição sem preconceitos ou restrições. “Essa atitude permite a relação com a história e a inserção de elementos de diversas origens – inclusive oriundos da cultura não erudita. A convivência desses com a música de tradição europeia numa mesma composição é o que pode permitir, então, a superação da dicotomia entre música de concerto e música popular”, avalia.

Considerando essa realidade da vida profissional do compositor contemporâneo, a constatação do professor que recebe os alunos aspirantes a compositores em seu primeiro semestre na UFRGS é de que o mundo musical deles é muito limitado. Para adquirir repertório, então, recomenda ouvir muita música. “Não para imitar, mas para ir acumulando”, esclarece. Além disso, aponta o conteúdo expressivo como definidor para o valor da música. E acrescenta: “Qualquer um poderia ser músico usando ctrl+C/ctrl+V no computador. Sempre é interessante como experimentação, mas só será arte se expressar algo”. A combinação de talento e trabalho, então, é determinante para um pretenso compositor. “Se conseguíssemos ter um sistema de educação que fizesse a prática musical ser parte da vida de todo mundo, isso poderia fazer diferença”, reflete a também professora e coordenadora do PPG em Música Luciana Del-Ben.

Ao lembrar como foi sua formação em Piano quando estudante de graduação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Luciana relata que tinha dificuldade em transitar pelos campos aparentemente opostos do erudito e do popular. “Não é uma questão de habilidade motora, mas de expressão”, diz. Ela credita essa característica à maneira fechada como muitos dos músicos eruditos são formados e reforça que uma educação musical mais aberta pode ser a chave para mudar essa realidade.

Para o professor Cunha, a hiperespecialização imposta pelo século XX acabou trazendo também para a produção musical a tendência de se conhecer muito sobre poucas coisas em detrimento do conhecimento amplo. Além disso, o regente aponta esse traço do século passado como a causa para que muitos alunos cheguem à universidade querendo ser compositores sem que tenham uma vivência suficiente como instrumentistas. “Sem serem músicos, querem fazer composição. E nós não temos muito o que fazer. Temos uma prova específica, mas ela serve só para receber calouros alfabetizados”, constata. Por isso, hoje os alunos compõem peças que eles mesmos executam no exame final.

Uma alternativa para sobreviver nessa carreira é aliar essa prática à docência, como é o caso de Dimitri Cervo, compositor há 29 anos e professor no Instituto de Artes há cinco. Com esse mesmo propósito, o doutorando Josemir Valverde projeta sua carreira. Formado em composição pela Universidade Federal da Bahia e experiente violoncelista em orquestras, acabou descobrindo o gosto pela docência com o tempo. Sem perspectivas concretas como composi-



FOTOS: ELISA BORTOLINI/JU

tor, dá aulas práticas do instrumento que domina e também de teoria musical. Já o mestrando Bruno Angelo, graduado na mesma especialidade pela UFRGS, lamenta a inexistência do mundo de concertos para o qual fora preparado na graduação. Além de projetos de composição e concertos desenvolvidos com financiamento público, Bruno também dá aulas de piano pela internet, ainda que seu objetivo principal seja a carreira de pesquisador.

Apesar das restrições existentes no Brasil, o movimento orquestral tem ganhado força no país e na América Latina. Isso se deve, segundo Dimitri, aos projetos sociais que usam a música de concerto como possibilidade de ascensão social para crianças de comunidades desassistidas, como é o caso da orquestra mantida na favela de Heliópolis, em São Paulo. Mas a profissão de compositor está muito mais relacionada ao gosto e à vocação que ao retorno financeiro. O maestro Cunha diz que é um privilégio ter um trabalho ao qual as pessoas vão sentar para ouvir atentamente. “Acredito que o público precisa dessa experiência estética da música de concerto, pois ela pode contribuir para o equilíbrio emocional e para amenizar o tédio. A emoção daquele momento faz com que a pessoa que está ali sentada sinta como se estivesse fazendo a música”, ensina.

Os alunos do primeiro semestre de Composição Carolina Jung e Bruno Bartolomasi executaram peças de sua autoria



Uma carreira difícil

Aos 43 anos de idade e compondo desde os 14, Dimitri Cervo aponta a combinação do trabalho de compositor com a carreira de intérprete como uma das formas de melhorar a perspectiva profissional para quem planeja seguir carreira na música de concerto. “Em outros países, existem compositores que vivem disso. Aqui no Brasil, a maioria tem outras atividades paralelas além da composição”, avalia. Para descrever melhor sua situação como compositor, relata que, neste ano, recebeu quatro encomendas de obras, apenas duas delas pagas. De acordo com o músico, nem sempre é a remuneração o que interessa ao compositor profissional, pois ele precisa construir uma obra e ter noção de carreira.

“Os compositores sempre foram empreendedores. Händel, por exemplo, foi um empresário com visão. Beethoven tinha pessoas e editoras que o apoiavam, mas ele enviava cartas para diferentes lugares para tentar vender obras”, relata. No caso brasileiro, como o mercado de música de concerto é relativamente restrito, com cerca de vinte orquestras e seus respectivos maestros praticamente determinando a programação existente no país, o profissional precisa estabelecer redes de relações pessoais. “No começo, o compositor tem de fazer contatos com regentes, enviar obras. Depois, com o tempo e o reconhecimento, começa a ser procurado”, diz com a experiência de quem já teve peças encomendadas a partir de contatos feitos até mesmo por meio de redes sociais.

De acordo com Dimitri, uma encomenda rende em torno de dez mil reais, dependendo da duração da obra. A referência para o pagamento é normalmente de mil reais por minuto de composição, variando conforme o número de instrumentos incluídos. “De vez em quando, surgem oportunidades. Por exemplo, recebi uma encomenda de um duo em razão de um edital. Eles tinham uma verba para concertos e oficinas de música e encomendaram uma peça no valor de mais ou menos mil reais. Também fiz uma peça para violino e orquestra de cordas com cachê baixo: dois mil reais”, relata. A dimensão do trabalho composicional pode ser medida pelo tempo exigido: para compor uma peça de quinze minutos para grande orquestra, Dimitri trabalhou por oito horas diárias durante três meses. Considerando que um compositor de renome recebe, no Brasil, não muito mais que quatro encomendas ao ano, tem-se uma noção do quanto a carreira de compositor exige e que perspectivas oferece. Outra possibilidade nesse sentido seria compor trilhas sonoras para filmes, espetáculos de dança e teatro.

Além da composição em si, o profissional normalmente recebe pela apresentação pública de suas obras por orquestras. “Nos Estados Unidos, um compositor com uma música incluída num concerto ganha entre quinze e vinte mil dólares de direitos de execução”, relata. No Brasil, em contrapartida, o cenário é diferente: “Quando tenho peças tocadas, ganho duzentos ou trezentos reais. O máximo que já ganhei por uma execução foram mil reais num concerto na Sala São Paulo lotada, que é o ápice em termos nacionais”, lamenta. Por lei, dez por cento da bilheteria de um concerto é reservado a direitos autorais. Desse montante, cinco por cento ficam para o ECAD (órgão responsável pela arrecadação e distribuição de direitos autorais). Do que sobra, a sociedade de autor fica com 25%. Ao compositor chega, então, 70% do valor correspondente aos direitos de execução. A situação ainda é agravada pela pirataria e pelo caráter público e pouco lucrativo das orquestras brasileiras – normalmente sustentadas pelo Estado e por doações que mal cobrem as despesas.

DESTAQUE

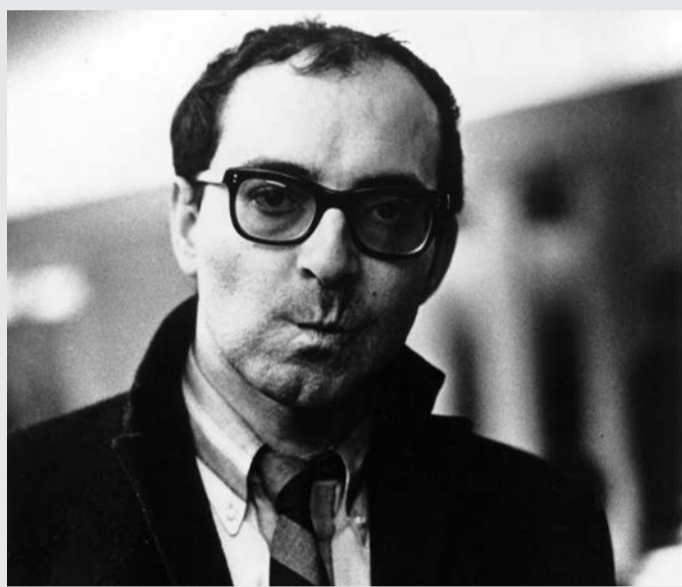
Marca autoral desafia as décadas

Jean-Luc Godard Sala Redenção promove ciclo com obras do cineasta francês de 80 anos

O cinema de vanguarda invade a Sala Redenção—Cinema Universitário no mês de agosto, com a Mostra Jean-Luc Godard. Segundo a doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação Gabriela Ramos de Almeida, que estuda o diretor, ele sempre está um passo à frente. Nos anos 50, junto com François Truffaut, Jacques Rivette, Eric Rohmer e Claude Chabrol, trabalhou como crítico na revista *Cahiers du Cinéma*. Na década de 60, com o mesmo grupo, participou da *Nouvelle Vague* — movimento que valorizava a autoria no modo de filmar.

“Além da participação na *Nouvelle Vague*, liderou, nos anos 70, o grupo Dziga Vertov. Não obstante todo o frescor que a *Nouvelle Vague* trouxe ao cinema, Godard foi pioneiro na incorporação do vídeo à sua obra e, posteriormente, na realização de filmes-ensaios (um tipo de produção audiovisual que tem sido cada vez mais buscada, sobretudo entre os realizadores autônomos e independentes — vide a produção brasileira recente de cineastas como Cao Guimarães, Sérgio Borges e Pablo Labato)”, avalia Gabriela.

Em 3 de dezembro de 2010, Godard completou 80 anos, e a data coincidiu com a exibição de seu último longa-metragem no Brasil, *Film Socialisme*. “Foi o primeiro filme lançado por ele em seis anos, e isso por si já justifica que seu nome volte à baila. É um cineasta que acaba sob os holofotes de tempos em



tempos, por várias questões, pelo bem ou pelo mal. Neste ano, por exemplo, ele se recusou a ir aos Estados Unidos participar da entrega do Oscar, onde receberia um prêmio honorário. Com *Film Socialisme*, foi acusado de antisemitismo e cancelou, na última hora, a entrevista coletiva que daria no Festival de Cannes em 2010, onde o filme estava sendo exibido na mostra *Un Certain Regard*. Para a doutoranda, ainda se pode chamar Godard de gênio, sim, embora ele não revolucione mais a forma de contar uma história e “nem se deva esperar isso dele”.

Gabriela acredita que *Film Socialisme* é um exemplar do tipo de produção que se aguarda do cineasta: “Estão ali todas as marcas do seu ‘cine-pensamento’ (só alcançado plenamente por meio da escritura do vídeo e do caráter reflexivo que Godard confere às suas obras por meio da manipulação da imagem)”. Em sua opinião,

o longa está mais alinhado à produção recente de ensaios fílmicos de Godard do que à sua cinematografia dos anos 60, mais narrativa, embora não clássica.

Conforme a pesquisadora, “junto com Antonioni, Godard foi o cineasta que melhor lidou com a chegada do vídeo e levou mais longe o diálogo entre o vídeo e a sétima arte, culminando com a série *História(s) do Cinema*, produzida entre 1988 e 1998”. Gabriela se refere à apropriação que o cineasta fez do novo suporte de imagem não somente como uma mídia, mas como um meio expressivo. “Por isso, eu prefiro não me referir a uma mudança de linguagem cinematográfica, mas sim a uma trajetória que guarda certa unidade, uma marca autoral, ainda que tenha passado por várias mudanças ao longo dos seus cerca de 50 anos, e a incorporação do vídeo talvez seja a mais importante delas”, finaliza a doutoranda.

CINEMA

História no Cinema para Vestibulandos 2011

Ciclo da Pró-reitoria de Extensão em parceria com o CineBancários. Os filmes são precedidos de palestras com estudantes e professores de História da UFRGS. Sessões com entrada franca.

República Democrática Brasileira/Populismo: JANGO

(BRA, 1984, 115 min), de Sílvio Tendler
Um relato da vida política brasileira dos anos 60, tendo como fio condutor a biografia do presidente João Goulart. Palestrantes: Francisco Cougo Junior e Daniela Conte
Sessão: 6 de agosto, às 9h30min

Ditadura Civil-Militar: KAMCHATKA

(ARG, 2002, 105min), de Marcelo Piñeyro
Na década de 70, família argentina tem de fugir para escapar da ditadura. Palestrantes: Marla Assumpção e Ananda Simões
Sessão: 27 de agosto, às 9h30min

CineDebate Direitos Humanos

O projeto, parceria da Faculdade de Educação e Sala Redenção, tem uma edição mensal, exibindo filmes que discutem o combate à violência.

FESTIM DIABÓLICO

(EUA, 1948, 80min), de Alfred Hitchcock
Dois acadêmicos cometem o crime perfeito: matam um amigo de estudos e escondem o corpo num baú, que servirá de mesa para uma festa com outros colegas e o professor.
Sessão: 17 de agosto, 19h
Entrada franca

Mostra Jean-Luc Godard

O ciclo com obras do cineasta francês tem curadoria de Tânia Cardoso, com o apoio do Centro de Entretenimento E o Vídeo Levou. As sessões ocorrem na Sala Redenção e têm entrada franca.

TODOS OS RAPAZES SE CHAMAM PATRICK

(1957, 19min)
+ CHARLOTTE E SEU NAMORADO (1958, 13min)
+

UMA HISTÓRIA D'ÁGUA (1958, 11min)
Três curta-metragens do mestre da *nouvelle vague*.
Sessões: 1.º de agosto, 16h; 10 de agosto, 16h; 17 de agosto, 16h

ACOSSADO

(1960, 86min)
Rapaz rouba um carro, mata um policial e foge para Paris, onde convence uma estudante americana a escondê-lo.
Sessões: 1.º de agosto, 19h; 2 de agosto, 16h; 29 de agosto, 19h

UMA MULHER É UMA MULHER

(1961, 85min)
Dançarina de cabaré tenta convencer seu marido a engravidá-la.
Sessões: 2 de agosto, 19h; 3 de agosto, 16h

VIVER A VIDA

(1962, 85min)
Relato episódico da curta vida de uma jovem prostituta.
Sessões: 3 de agosto, 19h; 4 de agosto, 16h; 30 de agosto, 19h

O DESPREZO

(1963, 99min)
Em viagem à Itália, jovem tem a sensação de que seu marido não a ama mais.
Sessões: 4 de agosto, 19h; 5 de agosto, 16h

O PEQUENO SOLDADO

(1963, 97min)
Rapaz desiludido envolve-se em movimentos políticos e acaba cometendo um assassinato.
Sessões: 5 de agosto, 19h; 8 de agosto, 16h

TEMPO DE GUERRA

(1963, 77min)
Soldados de um país fictício recrutam fazendeiros para lutar pelo rei, prometendo fortuna e diversão.
Sessões: 8 de agosto, 19h; 9 de agosto, 16h

BANDA À PARTE

(1964, 95min)
Dois rapazes tentam convencer garota a furtar quantia em dinheiro de seu patrão.
Sessões: 9 de agosto, 19h; 11 de agosto, 16h; 30 de agosto, 16h

ALPHAVILLE

(1965, 99min)
Agente intergalático deve matar o inventor do supercomputador Alpha 60.
Sessões: 11 de agosto, 19h; 12 de agosto, 16h

O DEMÔNIO DAS ONZE HORAS

(1965, 110min)
Casal de amigos se re-encontra e passa a noite juntos. Quando amanhece, um cadáver é encontrado no apartamento e

eles precisam fugir.
Sessões: 12 de agosto, 19h; 15 de agosto, 16h

MASCULINO, FEMININO (1966, 110min)
Quando um militante anticomunista é assassinado, sua namorada descobre que está grávida.
Sessões: 15 de agosto, 19h; 16 de agosto, 16h

WEEKEND À FRANCESA

(1967, 105min)
Fábula apocalíptica sobre o colapso da sociedade de consumo, representada num jovem casal burguês.
Sessões: 16 de agosto, 19h; 18 de agosto, 16h

A CHINESA

(1967, 96min)
No verão de 1967, grupo de estudantes franceses imersos no pensamento de Mao Tse Tung questiona as possibilidades de mudar o mundo.
Sessões: 18 de agosto, 19h; 19 de agosto, 16h

CARMEN DE GODARD

(1983, 85min)
Membro de uma gangue se apaixona por um oficial da justiça que guarda o banco que ela tentou assaltar.
Sessões: 19 de agosto, 19h; 22 de agosto, 16h

JE VOUS SALUE, MARIE

(1985, 75min)
A estudante Maria namora o taxista José. Ao saber da gravidez dela, ele a acusa de traição.
Sessões: 22 de agosto, 19h; 23 de agosto, 16h

DETETIVE

(1985, 95min)
Dois detetives investigam o assassinato de um agente de boxe.
Sessões: 23 de agosto, 19h; 24 de agosto, 16h

PARA SEMPRE MOZART

(1996, 80min)
Diretor vai a Sarajevo ajudar primo a encenar uma peça, mas precisa fugir da guerra.
Sessões: 24 de agosto, 19h; 25 de agosto, 16h

NOSSA MÚSICA

(2004, 76min)
Filme em três partes: o inferno (cenas de guerra); o purgatório (a cidade de Sarajevo no pós-guerra); e o paraíso (uma praia guardada por marinheiros americanos).
Sessões: 25 de agosto, 19h; 26 de agosto, 16h

FILM SOCIALISME

(2010, 101min)
A bordo de um cruzeiro pelo Mediterrâneo, passageiros discutem sobre história, dinheiro e geometria.
Sessões: 26 de agosto, 19h; 29 de agosto, 16h; 31 de agosto, 16h e 19h

EXPOSIÇÃO



Tendências Contemporâneas - 3.º módulo

Sob a curadoria de Rodrigo Núñez e Patrícia Bohrer, a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do IA/UFRGS apresenta o terceiro módulo da exposição, reunindo obras representativas da linguagem múltipla e híbrida da Arte Contemporânea. Formados em 2010/2, participam dessa edição Ana Bettini, Alice Melo, Camila Vargas, Eduardo Vianna, Geórgia Rosito, Júlia Corrêa, Manu Raupp, Mariana Betti, Roseli D'Amorim, Tathiana Jaeger e Virgínia Souza. Visitação: 11 a 26 de agosto
Local e horário: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, de segunda a sexta, das 10h às 18h
Informações: 3308-4302 ou iapin@ufrgs.br
Entrada franca

Direitos Humanos: imagens do Brasil

Exposição itinerante pelas capitais brasileiras cujo material provém do livro *Direitos Humanos - Imagens do Brasil*, conteúdo o resultado de pesquisa iconográfica e contemporânea de imagens que recuperam a trajetória do tema no país. Visitação: 16 de agosto a 16 de setembro
Local e horário: Museu da UFRGS, de segunda a sexta, das 9h às 18h
Informações: 3308-4022 ou museu@museu.ufrgs.br
Entrada franca

ONDE?

► **Auditorium Tasso Corrêa**
Rua Senhor dos Passos, 248
Fone: 3308-4318

► **Museu da UFRGS**
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-4022

► **Sala Alziro Azevedo**
Av. Salgado Filho, 340
Fone: 3308-4318

► **Sala Fahrion**
Av. Paulo Gama, 110 - 2.º andar
Fone: 3308-3034

► **Sala Redenção**
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos**
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3600

► **Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes**
Rua Senhor dos Passos, 248 - 1.º andar
Fone: 3308-4302

ESPECIAL

Fronteiras do Pensamento

Nesta 5.ª edição, o curso de altos estudos traz reflexões relacionadas à cultura, ao mundo e ao pensamento.

EDGAR MORIN
Antropólogo e epistemólogo volta ao ciclo de conferências aos 90 anos. Ele apresentará sua última obra lançada na França: *La voie - pour l'avenir de la humanité*. Também haverá a participação do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, por meio de uma entrevista exclusiva (ele não poderá mais estar presente ao evento em 2011).
Data: 8 de agosto
Local e horário: Salão de Atos, às 19h30min
Informações: 3019-2326

Conferências UFRGS

Ciclo de palestras, com entrada franca, que propõe uma reflexão sobre o

papel da Universidade na dinâmica evolutiva dos distintos sistemas sociais.

A UNIVERSIDADE ENTRE FRAGMENTOS E IDENTIDADES NA PÓS-MODERNIDADE

José Roberto Iglesias analisa as mudanças na qualidade do ensino induzidas pelas doutrinas pós-modernas, pelo paternalismo e pela necessidade de adaptação às tecnologias.
Data: 10 de agosto
Local e horário: Sala Fahrion, às 19h
Entrada franca

O NOVO MODO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
Sônia K. Guimarães analisa qual o papel da Universidade nesta era em que o conhecimento é a fonte principal para a criação de riqueza.
Data: 17 de agosto
Local e horário: Sala Fahrion, às 19h
Entrada franca

TEATRO

Mostra DAD 2011

Evento que divulga a produção dos alunos do Departamento de Arte Dramática realizada nas disciplinas específicas de montagem.

DIATRIBE DE AMOR & ÓDIO

Exercício do Estágio de Atuação II de Raquel Dermann (com a orientação da professora Cristiane Werlang), inspirado num texto de Gabriel García Márquez. No dia de suas Bodas de Prata, mulher conclui que nada se parece tanto com o inferno como um casamento feliz.
Sessões: 25, 26, 27, 28, 29 e 30 de agosto
Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 20h
Entrada franca

9.ª Mostra Anual Universitária de Teatro

Mostra teatral que apresenta espetáculos selecionados dentre as melhores produções dos alunos do curso de Teatro da UFRGS.

EXPERIMENTO NELSON 4 - OT/TO

A experimentação parte do texto *Bonitinha, mas ordinária*, de Nelson Rodrigues, mergulhando na nefasta vida cotidiana de uma sociedade capitalista refém da crença no poder econômico. Com orientação de Cris Werlang e Ligia Motta, o grupo (Kevin Brezolin, Diego Acauan, Ander Belotto e Luiza Cristina) forma o elenco e assina a direção.
Sessões: 3, 10, 17, 24 e 31 de agosto
Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 12h30min e às 19h30min

MÚSICA

Unimúsica

VITOR RAMIL
Show do compositor e cantor gaúcho. No repertório, as milongas de seu último disco, *délibáb*.
Data: 4 de agosto
Local e horário: Salão de Atos, às 20h
Ingresso: 1 kg de alimento não perecível.
Ingressos disponíveis no Salão de Atos a partir de 1.º de agosto.



Interlúdio

Parceria entre o Departamento de Difusão Cultural e o Departamento de Música do Instituto de Artes.

SOLO DE PIANO COM PAULO MEIRELES

Pianista apresenta obras de Beethoven e Schumann
Data e horário: 26 de agosto, 12h30min
Local: Salão de Atos
Entrada franca

Colóquios de Música Antiga na UFRGS

Ciclo de palestras seguidas de apresentações musicais dedicadas à música antiga com uma edição mensal. Promoção do

departamento e do Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes. As palestras têm custo de R\$ 35 para a comunidade em geral; e de R\$ 25 para os alunos da Universidade, enquanto os concertos têm entrada franca.

MONTEVERDI & STROZZI: DA PRIMA À SECONDA PRATTICA

Palestra com a professora Silvana Scarinci (UFPR)
Data: 27 de agosto
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, às 9h
Informações e inscrições: Programa de Extensão do Departamento de Música do IA/UFRGS - Rua Senhor dos Passos, 248, sala 62, 6.º andar, fone 3308-4325, e-mail extmusica@ufrgs.br

Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIO DUTRA/JU

Alegria em servir

ELE NÃO PARA UM MINUTO! Percorre as fileiras de mesas como se fosse um cortorcionista: desvia de uma cadeira aqui, de uma pessoa acolá. Recolhe os pratos com restos de uma refeição e logo já vem trazendo uma bandeja de fritas, bife, arroz e salada. É só piscar que ele some cozinha adentro e, quando me dou conta, sua voz ecoa pelo ambiente, chamando o dono do próximo pedido.

Apesar do uniforme jovial – boné, camisa amarela, tênis e avental preto – e da energia inesgotável, é fácil distinguir Alzemi Alves Ferreira do restante das moças e rapazes que trabalham no bar do Antônio, no Câmpus Centro. O bigode grisalho é marca registrada e não esconde a idade verdadeira, apesar de o seu dono afirmar, galhofeiro, que atualmente está com “20 e poucos anos”.

Miro, como é chamado pelos colegas e frequentadores do Antônio, tem 54 anos e é um dos empregados mais antigos do estabelecimento. Entre os estudantes da UFRGS, é praticamente uma celebridade, mesmo que, segundo ele, nunca tenha dado uma entrevista para a televisão ou para o Jornal antes. Num cantinho do bar, entre a parede e uma mesa, repórteres, gravador e câmera de vídeo chamam a atenção de quem está à volta, e não demora muito para o primeiro cliente mexer com o funcionário: “Tem que começar a cobrar cachê, hein?”, brinca um senhor de cabelos brancos.

Poucos imaginam, mas antes de começar a trabalhar atrás dos balcões do Antônio, na metade da década de 70, era Miro quem polia e limpava os sapatos dos passantes que transitavam pela Universidade. Acompanhado de um grupo de engraxates, ele percorria os bares da UFRGS com sua caixinha de madeira, suas latas de tinta e sua escova. De tanto ficar na frente da lanchonete do Antônio, Miro começou a ser convocado para fazer pequenos serviços ao seu dono: buscar pão, comprar leite e alimentos que faltavam. “E foi assim que eu entrei. Tinha muita gente que trabalhava comigo, mas só quem ficou no bar fui eu”, relembra.

A expressão gaúcha sai esticada quando pergunto se muita coisa já mudou no local desde a época em que ele entrou: “Baaah, tu nem imagina! É que o bar, na época, era bem menor, uma caixinha de fósforos. E enconstado no diretório acadêmico”. Com a saída deste último, o espaço pôde ser ampliado e o local foi tomando a forma que tem hoje. O que não sofreu alterações com o passar dos anos foi a imagem do Antônio como ponto de encontro dos estudantes. Das reuniões de greve à cervejinha com os amigos na sexta, tudo sempre passou pelos olhos e ouvidos de

Miro. “O Antônio é um centro de comunicação. A gente está por dentro de tudo aqui”, completa.

É por isso que fica difícil escolher uma história marcante dentre tantas já vividas. Miro lembra com carinho e saudade de alguns casais que se conheceram dentro do bar e, mais tarde, celebraram suas festas de casamento entre os doces e salgadinhos da lanchonete. Convidado recorrente nas formaturas dos alunos, o funcionário justifica que só não vai em todas por conta do horário de trabalho e da distância de alguns lugares. “É tão bom tu ver o quanto de gente já passou por ti e se formou aqui na UFRGS. Tem um aí que já está desde o início do ano dizendo que vai trazer o convite da festa dele para mim”, conta.

Já me ofereceram empregos com salários maiores, mas para mim isso não é o importante. Eu gosto de fazer o que eu faço e amo isso aqui”

Nascido no interior de Torres, onde passou parte da infância, Miro sente falta de ter um contato maior com a natureza. Seu sonho é ter um sítiozinho para poder plantar e viver tranquilo com sua esposa Neli e seus quatro filhos, frutos desse e de mais outros dois casamentos. Enquanto esse dia não chega, o funcionário vai enchendo de verde o seu local de trabalho: foi Miro quem cultivou as plantas que enfeitam o bar do Antônio. “Tem até um pé de pitanga lá dentro”, aponta orgulhoso para o pequeno canteiro perto da porta.

Por conta do tempo que passa no bar – de segunda a sábado –, os funcionários e clientes do Antônio se transformaram na segunda família de Miro. “Se algum dia alguém chegar e me disser ‘vou te botar para a rua’, acho que vai ser quase como uma facada no meu peito. Já me ofereceram empregos com salários maiores, mas para mim isso não é o importante. Eu gosto de fazer o que eu faço e amo isso aqui”, diz emocionado.

Daiane de David, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, a partir das 20h10min.

Perfil

Escrever, escrever, escrever...

Paulo Guedes
Quem foi seu aluno no curso de Letras ou de Jornalismo da UFRGS sabe do que estamos falando

Jacira Cabral da Silveira

“Sou engenheiro, não sou filósofo.” É como Paulo Coimbra Guedes, professor do Instituto de Letras das UFRGS, se define. Teoria que nasceu de uma conversa de bar com uma amiga professora de Física e sua ex-aluna do Colégio Anchieta. Depois de algumas reflexões sobre Física, Engenharia e outras coisinhas mais, Paulo irrompe com uma grave declaração: “Rita, tive uma iluminação! Não sou um linguista, sou engenheiro. Eu aplico o conhecimento. O que eu faço é usar a linguística para ensinar a escrever”.

Há 43 anos professor, Paulo costuma dizer que a primeira coisa inteligente que disse numa aula de Português foi no Colégio Estadual Marechal Rondon, em Canoas, ao falar sobre diminutivo. Assim que os alunos concluíram suas conjecturas a respeito do conceito de diminutivo – quando muitos disseram que era uma coisa pequeninha –, Paulo descreveu a seguinte cena e os convidou a pensar: “Se o Alberto [um dos meninos mais baixos da turma] namorar a Julieta [mais alta do que o professor], ele nunca vai poder chamá-la de Julietinha?”.

Na mesma época, 1968, teve sua breve experiência como copidesque da editoria de Polícia no jornal Zero Hora, no qual trabalhou por dois meses. Ele atribui tão meteórica carreira ao seu ritmo de trabalho: “Eles me achavam muito lento”. Em 1972, começou a dar aula de redação técnica no então Ciclo Básico da UFRGS. Com ele, eram quase 30 docentes de Português, coordenados pela professora Rebeca Poiastro, com quem conseguiram aprender não só a dar aula de redação técnica mas também o que era isso. Esforço que resultou, entre outras coisas, na publicação do livro *Redação Técnica*, escrito a dez mãos.

Dois anos mais tarde, Paulo passou a dar aula no curso de Jornalismo. Num sentimento misto entre satisfação e “não sei o que estou fazendo aqui”, entrou na sala de aula da primeira turma acompanhado do chefe de departamento, que o apresentou como professor de Redação Jornalística. Quando o chefe saiu, um aluno perguntou em que jornal ele trabalhava [todos os outros professores eram jornalistas]. A resposta veio seca: “Não trabalho em jornal nenhum, mas não tô aqui pra ensinar aquela baboseira de pirâmide invertida, porque qualquer idiota que não aprender aquilo numa semana de redação pode desistir da carreira. Estou aqui pra ensinar coisas mais importantes. Pura bravata, mas, se eu não fizesse isso, não sobrevivia”.

Quando mudou o currículo da Comunicação, na década de 80, Paulo foi convidado a integrar a Comissão de Carreira (nome antigo para o que hoje se chama Comissão de Graduação) do Curso de Comunicação. Aí ele se can-



FLÁVIO DUTRA/JU

didatou como representante do Curso de Letras naquela Comissão e participou da elaboração do novo currículo. À época, Paulo começou a dar aula no Instituto de Letras, que também estava vivendo tempos de mudança curricular. Então ele propôs a criação de quatro disciplinas: Comunicação em Língua Portuguesa I, II e III, e Linguística e Comunicação. E a proposta foi aceita: “Foi decisivo, porque o que eu queria era exatamente isso: ensinar a escrever para ver se eu aprendia”.

Outra teoria de Paulo: uma pessoa não só pode aprender a escrever como não existe outro remédio senão aprender. Falando em escrever, ele confessa que nunca foi um bom aluno de Português no colégio, e o que salvava suas notas era o fato de escrever bem, porque escrevia todos os dias.

Mas dar aula não era bem o objetivo de Paulo quando entrou na faculdade, em 1962. Queria mesmo era ser escritor, até porque era um dos garotos mais tímidos de seu grupo de conhecidos. Bastava o professor olhar para ele esboçando a mais remota intenção de pedir algo para deixá-lo em pânico. Por outro lado, “fazia teatro, imagina!”. Uma vez chegou a se oferecer para encenar um monólogo de um texto de Gil Vicente numa festa.

Por essas atitudes que pareciam contraditórias, Paulo se achava meio esquisito e, embora quisesse ser escritor, não tinha o hábito de escrever com frequência e nunca foi de ficar imaginando histórias. Seu romance *Tratado Geral da Reunião Dançante*, por exemplo, reúne textos que foram escritos ao longo de mais de vinte anos e só foi publicado em 1998 por pressão de amigos. Sua produção, entretanto, reúne uma série de livros e artigos.

Aventuras no Guaíba – Foi em uma máquina de escrever que apareceu mis-

teriosamente na casa dos Guedes, no bairro Partenon, que Paulo “escrevia antes de saber escrever”. Seu José, funcionário público, e dona Maria, dentista, iam sozinhos para o filho cada palavra de que ele perguntava a grafia. Único filho homem entre três irmãs, ele costumava ajudar os vizinhos a levar as cabras para pastar no morro Santa Luzia, que ficava bem próximo à sua casa. “Fui pastor de cabras”, brinca.

Passando a infância rural, Paulo chega à adolescência como a maioria dos garotos: praticando muito esporte, do futebol ao remo. Este último, inclusive, deu margem a muitas aventuras. Junto com dois amigos de origem alemã, comprou com a mesada de estudante um barco a vela. Nadar não era problema, mas havia um detalhe: eram totalmente inaptos em relação à arte de velejar. Ignorância que ficou evidente já na estreia. Também pudera, era um dia em que havia sido suspensa uma regata por excesso de vento, mas os jovens iniciantes não tomaram conhecimento do fato. Não deu outra, viraram o barco logo na saída: “Nos agarramos ao barco e depois nos rebocaram com uma lancha”. Só abandonaram o esporte por problemas financeiros, porque o clube aumentou exorbitantemente a mensalidade e os rapazes foram obrigados a vender o veleiro e a abandonar a promissora experiência de velejadores: “Chegamos a participar de uma regata, mas chegamos depois do tiro que encerrava a competição”.

Durante dez anos, ele praticou *aikido*, mas precisou abandonar o esporte por problemas na lombar: “Tem que cair muito”, explica. Agora se dedica a práticas meditativas: “Isso tem a ver com minha prática antes de eu ter consciência dessas coisas. Tem a ver com o tempo em que comecei a olhar os textos dos meus alunos e a achar que eu tinha que dar um palpite pra que aquilo melhorasse”.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local



CAMILA DOMINGUES, 26/01/2009



EDUARDO SEIDL, 1º/04/2009

O novo já nasce velho



MATEUS BRUXEL, 30/01/2009



FLAVIO DUTRA, 17/11/2010



PEDRO REVILLION, 12/05/2011

• EDITOR CONVIDADO •

BRUNO ALENCASTRO

Diferentes fotógrafos, em diferentes ocasiões, registraram o cotidiano dos moradores da – agora “velha” – Vila Chocolate. A precária situação de vida, as ocorrências policiais e os recorrentes incêndios que ali se sucederam foram as principais pautas que levaram os colegas Flávio Dutra, Pedro Revillion, Eduardo Seidl, Mateus Bruxel, Camila Domingues e eu até lá. Olhares que se cruzam, fotografias que dialogam.

Recentemente, essa história chegou ao fim (ou pelo menos ganhou mais um capítulo) com a transferência das famílias para o Residencial Novo Chocolate. Mas esse novo não nasce velho? Lembro a preocupação do seu Léo, ex-presidente da Associação de Moradores (e que, literalmente, doou sua vida em busca de melhorias para seus conterrâneos), ao me apresentar os bastidores da “velha” Chocolate.

O receio desse metalúrgico – que fatalmente acabou assassinado dentro do galpão de reciclagem da própria vila – era o de enfrentar os mesmos problemas de outros loteamentos. “Como as pessoas não têm dinheiro para se manter, já venderam o vaso, pia, janela... arrancaram porta... colocaram fogo dentro de casa. Por quê? Não mudaram o modo de trabalhar.” Sinceramente, torço para que a luta de Léo tenha valido a pena e o novo Chocolate traga novas pautas sobre a vida daquelas pessoas.

BRUNO ALENCASTRO, O EDITOR CONVIDADO DESTA EDIÇÃO, É REPÓRTER FOTOGRÁFICO DO CORREIO DO POVO. AS IMAGENS DA PÁGINA SÃO DE FOTÓGRAFOS QUE TRABALHAM EM DIFERENTES JORNAIS DA CIDADE E QUE, EM UM MOMENTO OU OUTRO, FOTOGRAFARAM A ENTÃO VILA CHOCOLATÃO.



BRUNO ALENCASTRO, 4/05/2009